

Revista da Graduação

Vol. 4

No. 1

2011

25

Seção: FACULDADE DE LETRAS

Título: Cartografias identitárias e territórios imaginários: a invenção do Oriente da obra *O Fundamentalista Relutante* de Mohsin Hamid

Autor: Fernanda Glavam Duarte

Este trabalho está publicado na Revista da Graduação.

ISSN 1983-1374

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/8812/6176>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

FERNANDA GLAVAM DUARTE

**CARTOGRAFIAS IDENTITÁRIAS E TERRITÓRIOS IMAGINÁRIOS: A INVENÇÃO
DO ORIENTE NA OBRA O FUNDAMENTALISTA RELUTANTE DE MOHSIN
HAMID**

Porto Alegre

2010

FERNANDA GLAVAM DUARTE

**CARTOGRAFIAS IDENTITÁRIAS E TERRITÓRIOS IMAGINÁRIOS: A INVENÇÃO
DO ORIENTE NA OBRA O FUNDAMENTALISTA RELUTANTE DE MOHSIN
HAMID**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito para obtenção do grau de
licenciada pela Faculdade de Letras da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Orientador: Dr. Ricardo Araújo Barberena

Porto Alegre

2010

FERNANDA GLAVAM DUARTE

**CARTOGRAFIAS IDENTITÁRIAS E TERRITÓRIOS IMAGINÁRIOS: A INVENÇÃO
DO ORIENTE NA OBRA O FUNDAMENTALISTA RELUTANTE DE MOHSIN
HAMID**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito para obtenção do grau de
licenciada pela Faculdade de Letras da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena

Dedico este trabalho de conclusão de curso às
minhas duas grandes paixões: Claudia Glavam
Duarte e Luis Carlos Duarte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelas oportunidades que eles me proporcionaram ao longo desses anos e, principalmente, pelo amor e dedicação constante que tiveram por mim. Espero ser, pelo menos, metade do que vocês são. A minha mãe Claudia Glavam pelo exemplo de mulher e educadora que eu espero um dia alcançar. Tua capacidade e inteligência me fascinam e me orgulho em poder dizer que sou tua filha. Ao meu pai Luis Duarte, meu herói, pelo carinho incondicional, companheirismo e pelos incentivos diários, o qual também me orgulha.

Ao meu namorado Thiago Renz da Rocha por ter sido fundamental em todos esses quatro anos de faculdade e por me fazer a pessoa mais feliz do mundo.

Aos meus sogros Elaine Rocha e Paulo Rocha pelo carinho e pelas palavras de incentivo nessa reta final da graduação.

Aos meus amigos Renata Praetzel, Franciene Morelli, Máira Abrunhoza, Gabriele Miranda, Lucas Rocha, Charlyne Camargo, Renan Garcia e Matheus Fernandes por terem, cada um a sua maneira, me apoiado ao longo dessa caminhada. Em especial as amigas Isabella Alves, Rafaela Cemin e Verônica Farias pelo apoio incondicional e pela amizade verdadeira.

Aos meus futuros colegas de profissão, que ao longo desses quatro anos se tornaram mais do que colegas: Daniela Louzada, Mariana Favero, Patrícia Nystrom, Carla Dornelles, Paulo Pinto, Henrique Dihl e Jonas Saraiva. E em especial a amiga Camila Picolli pela grande amizade e por ter me proporcionado os momentos mais engraçados na faculdade.

A minha fiel companheira nas tarde e noites de escrita desse trabalho de conclusão: Fiona.

Ao meu orientador Ricardo Araújo Barberena por ter me proporcionado esse desafio e pela sua dedicação e paciência nesse trabalho.

“A característica mais eminente da civilização moderna é uma multiplicidade indefinida de anseios humanos.” (Mahatma Gandhi).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo problematizar as representações identitárias do Oriente Médio presente na obra do palestino Mohsin Hamid – O Fundamentalista Relutante. Além disso, visa identificar a linguagem utilizada na obra e as implicações na constituição dessas representações, assim como, dar visibilidade aos sentidos e significados do Oriente Médio disponibilizados na literatura estudada. Para a realização de tal trabalho, foi efetuada uma pesquisa de cunho qualitativo onde autores como Edward Said - “Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente” e “Cultura e Imperialismo”- e Stuart Hall – “A identidade cultural na pós modernidade” - compõem o referencial teórico. Para realizar tal análise, o trabalho foi dividido em cinco capítulos compostos da seguinte maneira: o primeiro introduz o leitor no contexto do trabalho, assim como, esclarece os motivos da escolha do mesmo. O segundo apresenta aspectos da vida pessoal de Edward Said além de, esclarecer o conceito de Orientalismo – fundamental para esse trabalho investigativo. O terceiro busca refletir sobre os conceitos de cultura e de imperialismo apontados por Said em seu livro. No quarto capítulo, serão analisadas as representações do Oriente na obra escolhida para a análise, além de apresentar as implicações de tais representações na consolidação do imperialismo cultural. Por último, são apresentadas as conclusões e os resultados obtidos a partir das análises.

Palavras-chave:

Orientalismo – Imperialismo – Oriente e Ocidente

ABSTRACT

This work aims to question the identity representations of the Middle East present in the work of the Palestinian Mohsin Hamid - *The Reluctant Fundamentalist*. Moreover, it aims to identify the language used in the work and the implications in the formation of these representations, as well as gain visibility into meanings of the Middle East available on the studied literature. To carry out such work it had been accomplished a qualitative research where authors like Edward Said - "Orientalism – Western conceptions of the Orient" and "Culture and Imperialism" - and Stuart Hall - "The question of cultural identity" - comprise the theoretical framework. To perform such analysis, the work was divided into five chapters composed as follows: the first introduces the reader in the workplace, as well as clarifying the reasons for choosing it. The second presents aspects of the personal life of Edward Said, as well as to clarify the concept of Orientalism - central to this research work. The third seeks to reflect on the concepts of culture and imperialism pointed out by Said in his book. In the fourth chapter will be analyzed the representations of the East in the work chosen for the analysis, and will be presented the implications of such representations in the consolidation of cultural imperialism. Finally, are drawn the conclusion and the results obtained from the analysis.

Keywords:

Orientalism - Imperialism - East and West

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: ORIENTALISMO	16
1.1 EDWARD SAID – IDENTIDADE HÍBRIDA: INTELECTUAL PALESTINO-AMERICANO.	16
1.2 ORIENTALISMOS E SEUS DIVERSIFICADOS CONCEITOS	21
1.3 O ALCANCE DO ORIENTALISMO	28
2. CULTURA E IMPERIALISMO	33
2.1 CULTURA E IMPERIALISMO DE EDWARD SAID	33
2.2 O IMPERIALISMO PRESENTE NOS ROMANCES	40
3. O ORIENTALISMO E O IMPERIALISMO NA OBRA O FUNDAMENTALISTA RELUTANTE	47
3.1 A TRAMA DE MOHSIN HAMID	47
3.2 O ORIENTE MÉDIO COMO AMEAÇA:	50
3.3 O OCIDENTE COMO UM LUGAR DE POSSIBILIDADES	55
3.4 A IN (CORPORAÇÃO) DO “OUTRO”	58
É PRECISO CONCLUIR, MAS NÃO FINALIZAR...	62
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

Talvez os homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falem para nós. (LARROSA, 2000, p. 22).

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado “Cartografias identitárias e territórios simbólicos: a invenção do Oriente na obra O Fundamentalista Relutante de Mohsin Hamid” emerge a partir de especificidades presentes em dimensões pessoais e acadêmicas de minha vida.

Em relação às dimensões pessoais que me fizeram escolher essa temática, saliento o fato de conviver, diariamente, em casa, com uma mãe que sempre esteve envolvida com questões educacionais. Acompanhei, desde menina seu mestrado e seu processo de doutoramento. Essa convivência me permitiu presenciar, constantemente, minha mãe falando a cerca dos estudos culturais e suas representações, suas leituras e releituras de Foucault, assim como, me possibilitou estar contextualizada em tais estudos, mesmo que de uma forma menos densa.

A pesar de seus estudos estarem vinculados as representações da matemática escolar em artefatos culturais, penso que tais discursos foram primordiais na escolha do tema do meu trabalho de conclusão.

Quanto às dimensões acadêmicas, pontuo meu gosto pela literatura contemporânea, aquela que, principalmente, apresenta em sua narrativa um pano de fundo histórico, como por exemplo: guerras, fatos heróicos, o período nazista, a vida no Oriente Médio, etc. Com o passar dos anos, dei-me conta que comprara ao longo de minha vida vários livros nessa perspectiva. Outro fator motivador, que acho relevante ressaltar, é o fato de, desde o meu primeiro semestre na faculdade, ter sido apresentada a diversificadas leituras. Um exemplo disso foi em 2007 quando, ainda caloura, o professor Charles Kiefer, na disciplina de Sociedade, Literatura e Cultura, pediu para que a turma lesse uma das obras de Stuart Hall: “A identidade Cultural na Pós Modernidade”. Essa leitura me aproximou, de forma mais densa, das discussões que minha mãe propunha. Muitas foram às vezes que discutimos sobre a questão das diferentes identidades e de como elas são múltiplas.

Mesmo sem saber, desde o início de minha trajetória acadêmica como aluna da faculdade, já estava em constante contato com um dos meus objetivos nesse trabalho de investigação científica. Assim, tenho como tema desse trabalho a relação entre as representações e o campo literário. Portanto, buscarei apresentar as relações identitárias sobre o Oriente Médio disponibilizadas na literatura. Com a ajuda de meu orientador escolhi o livro: “O Fundamentalista Relutante” do escritor palestino Mohsin Hamid para a investigação. Tal opção foi feita por entender que tem sido recorrente, na literatura de massa¹, romances vinculados ao cotidiano do Oriente Médio.

Tive como perguntas norteadoras as seguintes questões:

- **Que representações são disponibilizadas, na literatura analisada para Oriente Médio?**

¹ Temos os seguintes títulos como exemplo: “Vida Dupla - Um Romance Sobre O Oriente Médio Hoje” (2007) de Rajaa Alsanea, “O Livreiro de Cabul” (2008) e “101 Dias em Bagdá” (2007) de Asne Seierstad, “Alguém Para Correr Comigo” (2005), de David Grossman, “A Cicatriz de David” (2009), de Susan Abulhawa, “O caçador de Pipas” (2005) e “A Cidade do Sol” (2007) de Khaled Hosseini.

- **Como essa obra descreve o Oriente Médio?**
- **Que sentidos e significados são construídos por tais significações?**

Sendo assim, meus objetivos específicos visam:

- Apontar as representações presentes na obra estudada;
- Identificar a linguagem utilizada na obra e as implicações na constituição das representações;
- Dar visibilidade as representações (sentidos e significados) do Oriente Médio disponibilizadas na literatura estudada.

Esses problemas orientaram e conduziram meu olhar para as obras do intelectual Edward Said, mais especificamente para os livros: “Orientalismo – o Oriente com invenção do Ocidente” e “Cultura e Imperialismo”. O primeiro livro, publicado em 1978, tornou-se um clássico dos estudos culturais pela arrojada tese que defende, ou seja, a de que o Oriente é uma invenção ocidental, que inferioriza as civilizações a leste da Europa, atribuindo-lhes características exóticas, estranhas e mitológicas. O autor, ao longo da obra, detalha o processo de construção da imagem do árabe a partir do século XIX, além de mostrar como esse Orientalismo foi atualizado quando os Estados Unidos ocuparam o lugar de grande potência do mundo. Em sua outra obra, “Cultura e Imperialismo”, publicada em 1995, o autor percorre a literatura francesa e inglesa dos séculos XVI e XVII e demonstra, por meio de uma análise profunda das obras abordadas, como a ideia imperial foi construída antes mesmo da França e da Inglaterra se lançarem às conquistas

territoriais do século XIX. Por meio dessas obras, Said busca provar como essa literatura foi um veículo importante na preservação do ideal imperial nos séculos XVIII e XIX, presumindo a submissão dos povos conquistados e relegando-os um papel meramente secundário nas narrativas em que aparecem apenas para decorar os feitos dos personagens principais – sempre europeus e brancos.

Para discuti-los, organizei o presente trabalho de conclusão de curso em cinco capítulos. O primeiro é esta introdução, que tem por objetivo situar o leitor em meus objetivos na escrita desse trabalho, além de justificar o porquê de ter escolhido essa temática para meu estudo. Nessa introdução, apresentei aspectos de minha vida pessoal e acadêmica que culminaram na escolha dessa temática. Além disso, procurei apresentar as principais bibliografias que serão estudadas, assim como, anunciar o livro em que será feita a análise de tais teorias.

O segundo capítulo intitulado: “Primeiras aproximações teóricas: Orientalismo” está subdividido em três sessões, onde a primeira: “Edward Said – identidade híbrida: intelectual palestino – americano” apresenta aspectos da vida pessoal, da trajetória acadêmica e da carreira profissional do escritor Edward Wadie Said. Nessa parte, apresento citações retiradas do livro de memórias do próprio autor, que revelam aspectos interessantes a respeito de sua vida. Na segunda sessão: “Orientalismo e seus diversificados conceitos”, é possível esclarecer o que é entendido por Orientalismo e quais são as influências que o Ocidente teve sobre o Oriente, assim como, quais foram as influências do Oriente sobre o Ocidente. Nesse momento do trabalho, será possível perceber as mudanças que o conceito desse termo vem sofrendo, a pesar de sua “essência” continuar a mesma. A última sessão desse capítulo é intitulada da seguinte maneira: “O alcance do Orientalismo”. Tem como enfoque apresentar as definições que o termo Orientalismo apresenta no mundo contemporâneo, além de verificar se as representações antigas continuam a perseverar da mesma maneira no mundo atual.

O terceiro capítulo: "Cultura e Imperialismo", busca refletir sobre os conceitos de cultura e de imperialismo apontados por Said em seu livro. O mesmo encontra-se subdividido em duas sessões, tendo como "Cultura e Imperialismo de Edward Said" o nome da primeira sessão no capítulo. Esse tem como finalidade apresentar a obra em estudo do intelectual palestino, visando destacar alguns conceitos pertinentes ao meu trabalho de investigação. Na segunda sessão: "O imperialismo presente nos romances", será possível perceber a inserção da literatura, mais especificamente, o romance, como um meio que possibilitou e manteve o imperialismo.

No quarto capítulo: "O Orientalismo e o Imperialismo na obra O Fundamentalista Relutante", serão analisadas as representações do Oriente na obra escolhida para a análise, além de apresentar as implicações de tais representações na consolidação do imperialismo cultural. Para a elaboração desse capítulo foram realizadas quatro sessões a fim de organizar as diversificadas análises que o livro possibilitou. A primeira sessão recebeu o título de: "A trama de Mohsin Hamid", onde procuro apresentar dados sobre o autor da história, assim como, relatar o panorama geral do enredo. Em seguida, na sessão: "O Oriente como ameaça", apresento, por meio de passagens do livro, a ideia de que muitas vezes o Oriente Médio é entendido como algo que ameaça e intimida. A terceira sessão intitulada de: "O Ocidente como um lugar de possibilidades", apresenta de que maneira os países do Ocidente, principalmente os Estados Unidos, são vistos como um local hierarquicamente superior em relação as tecnologias, estilos de vida que possibilita, expectativas de sucesso profissional, etc. A última sessão desse capítulo: "A in(corporação) do 'outro'", tem como objetivo, apresentar como se dá a tentativa do "outro" em se tornar um ocidental. Essas apresentações serão comprovada por meio de passagens retiradas do livro de Hamid.

O último capítulo intitulado como: "Concluir, mas não finalizar" tem como enfoque apresentar as conclusões e os resultados que obtive a partir das análises

que consegui, como “pesquisadora” iniciante, realizar entre o material teórico lido e os excertos da obra estudada.

1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: ORIENTALISMO

1.1 EDWARD SAID – IDENTIDADE HÍBRIDA: INTELECTUAL PALESTINO-AMERICANO.

Este capítulo tem por objetivo apresentar aspectos da vida pessoal, da trajetória acadêmica e da carreira profissional do escritor Edward Wadie Said e de suas contribuições para pensarmos o que tem sido nomeado por teorizações pós-coloniais.

Said é conhecido por ser um dos maiores intelectuais palestino-americano, crítico literário e ativista da causa palestina. Ao longo de sua vida, registrou muitas reflexões sobre as representações do Oriente que são feitas pelos países Ocidentais, tendo suas obras reconhecidas mundialmente. Por meio de seus livros é possível perceber sua enorme contribuição ao conhecimento do Oriente Médio, sua crítica ao imperialismo cultural e sua postura intelectual.

Said nasceu na cidade de Jerusalém no ano de 1935, cidade que na época integrava o Mandato Britânico da Palestina. Passou seus primeiros anos de formação na Palestina, onde estudou em escolas britânicas e nas quais, segundo ele, nunca se encaixou. Por possuir um primeiro nome americano (Edward) e um

terceiro nome árabe (Said), desde pequeno o autor não sabia qual era a sua “verdadeira”² identidade, pois seu pai afirmava que ele era americano, mas ele sabia que toda sua família era de origem árabe. Esse momento de sua vida e a crise de identidade ocasionada é possível ser deslumbrado nas seguintes passagens de seu livro de memórias:

Mantive por toda a vida essa vaga sensação de muitas identidades – em geral em conflito umas com as outras -, junto com uma aguda lembrança do sentimento de desespero com que eu desejava que fôssemos completamente árabes, ou completamente europeus e americanos, ou completamente cristãos ortodoxos, ou completamente muçulmanos, ou completamente egípcios, e assim por diante (SAID, 2004, p. 22.).

[...] “Você é o quê?”; “Mas Said é um nome árabe”; “Você é americano?”; “Você é americano sem ter um sobrenome americano, e nunca estive na América”; “Você não parece americano!”; “Você é um árabe no fim das contas, mas de que tipo? Protestante?” (SAID, 2004, p.23).

A minha volta toda, estavam Greenilles, Coopers e Pilleys: inglesinhos e inglesinhas engomados, com nomes invejavelmente autênticos, olhos azuis e pronúncia cristalina, definitiva. Não tenho nenhuma lembrança definida de como soava o que eu falava naqueles dias, mas sei que não era inglês (SAID, 2004, P.69-70).

Os excertos acima problematizam o conceito de identidade, ou a “vaga sensação de muitas identidades”, conceito bastante discutido na contemporaneidade. Essas discussões voltam-se para as mudanças que as identidades vem sofrendo ao longo dos anos, pois antes tínhamos uma identidade que pretendia-se estabilizada, fixa, imutável, unificada e que, nessa perspectiva era entendida como completa e sólida. A esse respeito, Stuart Hall em seu livro: “A identidade cultural na pós-modernidade” alega que “antes se acreditava que essas [identidades] eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais” (Ibidem, 2001, p. 25).

No entanto, teóricos pós-estruturalistas tem apontado para o fato de que as novas identidades estão sendo descentradas, ou seja, fragmentadas, ao mesmo tempo que apresentam uma volatilidade e uma multiplicidade como característica.

² Algumas expressões serão grifadas entre aspas, pois essas, segundo Rorty (2007), quando colocadas em uma palavra ou expressão, prenunciam certa inquietude em relação à linguagem utilizada.

Não temos mais uma identidade com a ideia de algo que está acabado e pronto de uma vez por todas mas, algo que está em processo de andamento. A esse respeito o autor ainda afirma:

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única; mas de várias identidades (HALL, 2001, p.12).

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas que nos rodeiam.(HALL apud HALL, 1987,p.12).

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não de algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, esstá sempre “ em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2001, p.38).

Assim, o processo de construção da “identidade” de Said, sempre esteve vinculada a presença da cultura³ americana, pois essa, esteve presente em sua vida desde a sua infância, pois seu pai apesar de ser árabe, acreditava ser um homem americano por ter defendido os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Esse discurso de que ele era de uma outra cultura ao mesmo tempo, o fazia ter o seguinte pensamento: “eu achava que os professores eram sempre ingleses. Os alunos se tivessem sorte, também poderiam ser ingleses; se não tivessem, como no meu caso, não eram” (SAID, 2004, p. 65).

Em seu livro de memórias, Said afirma:

³ Segundo Said (1995) quando o termo cultura é empregado ele quer dizer somente duas coisas: “Primeiro ‘cultura’ designa todas aquelas práticas, como artes de descrição, comunicação e representação que têm relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, e que amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos. Incluem-se aí, naturalmente, tanto o saber popular sobre partes distante do mundo quanto o conhecimento especializado de disciplinas como a etnografia, a historiografia, a filologia, a sociologia e a história literária” (Ibidem, 1995, p.12) ou “Em segundo lugar, e quase imperceptivelmente, a cultura é um conceito que incluiu um elemento de elevação e refinamento, o reservatório do melhor de casa sociedade, no saber e no pensamento, como disse Matthew Arnosld na década de 1860 [...] a cultura vem a ser associada, muitas vezes de forma agressiva, à nação ou ao Estado; isso ‘nos’ diferencia ‘deles’, quase sempre com algum grau de xenofobia. A cultura nesse sentido, é uma fonte de identidade, e aliás bastante combativa, como vemos em recentes ‘retornos’ à cultura e a tradição [...] a cultura é uma espécie de teatro em que várias causas políticas e ideológicas se empenham mutuamente” (Ibidem, 1995, p.13).

Durante esse tempo todo não tive um professor egípcio nem percebi nenhuma presença de árabes muçulmanos na escola: os alunos eram armênios, gregos, judeus egípcios e coptas, ao lado de um número substancial de crianças inglesas, inclusive muitos dos filhos do corpo docente. (SAID, 2004, p.65).

Ainda nessa mesma perspectiva, é possível ver a forte presença da cultura estadunidense em seu país quando ele relata em seu livro “Fora do Lugar: memórias” as seguintes passagens de sua vida escolar:

Nossas aulas e livros eram desconcertantemente ingleses: líamos sobre prados, castelos e sobre os reis John, Alfred e Canute com a reverência que nossos professores viviam nos lembrando que mereciam. O mundo deles fazia pouco sentido pra mim, a não ser pelo fato de que eu admirava a criação da língua que usavam, sobre a qual eu, um garoto árabe, estava aprendendo alguma coisa. Uma quantidade desproporcional de atenção era esbanjada com a Batalha de Hastings, junto com extensas explicações sobre anglos, saxões e normandos [...] As aulas sobre a glória inglesa eram intercaladas com exercícios repetitivos de escrita, aritmética e recitação (SAID, 2004, p.69) [grifos meu].

Por meio desse excerto é possível perceber que a cultura norte-americana esteve presente em sua trajetória desde os primórdios e, essa inserção da cultura inglesa/norte-americana era tão recorrente que teve como resultado uma crise identitária por parte do autor. Said não sabia qual das culturas (árabe ou americana) predominava em sua vida, pois em cada momento uma se sobressaía, ou seja, a influência de uma cultura sobre a outra era muito recorrente.

O intelectual palestino-americano estudou na Universidade de Princeton e mais tarde na Universidade de Harvard, onde obteve o grau de doutor e onde também atuou como professor. Anos mais tarde, ingressou como educador na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, onde lecionou durante décadas as seguintes matérias: inglês e literatura comparada. Além dessa universidade, Said também atuou como educador nas Universidades de Yale e Johns Hopkins. Como acadêmico universitário ele iniciou os seus estudos que mais tarde se tornariam reconhecidos pelo mundo todo.

Por ter nascido na Palestina, onde viveu seus primeiros anos e mais tarde ter ido para os Estados Unidos concluir sua formação acadêmica e viver o resto de

sua vida, é possível inferir que Said faz parte do que chamamos de movimento da diáspora. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva esse conceito refere-se a:

Dispersão, em geral forçada, de um determinado povo por lugares diferentes do mundo. Na análise pós-colonialista, destacam-se a diáspora dos povos africanos, causada pelo comércio escravagista, e o movimento contemporâneo de migração - visto como uma diáspora - dos povos das antigas colônias européias para suas antigas metrópoles. Nessa análise, a existência de uma suposta identidade diáspórica está relacionada à noção antiessencialista de hibridismo (SILVA, T. 2000, p. 41).

Nessa perspectiva, fica evidente que Edward Said se enquadra nessa definição dada por Tomaz Tadeu da Silva, pois ele se desloca do Oriente (origem de sua família) e vai para o Oriente (identidade que seu pai sempre quis que ele tivesse). É a partir dessa mudança que ele, por meio de seus estudos começa a estudar as representações⁴ que o Ocidente fez do Oriente.

É esse deslocamento por diferentes culturas, que faz com que Said seja mundialmente conhecido por seus estudos a cerca de tal tema. Segundo suas palavras: “muito do investimento pessoal neste estudo deriva da minha consciência de ser um ‘oriental’, por ter sido uma criança que cresceu em duas colônias britânicas” (Said, 2007, p.57).

A partir da problematização do binarismo Ocidente e Oriente, Said publica, em 1978, o livro intitulado de “Orientalismo”⁵ (texto canônico dos estudos culturais) que virou *best seller* na Suécia e um grande sucesso aqui no Brasil. Tal obra gerou novas perspectivas para o estudo do imperialismo e marcou o rumo do pensamento contemporâneo. Nesse livro, o autor vê o Orientalismo como uma poderosa criação

⁴ Como este conceito é central ao desenvolvimento de meu trabalho, cabe destacá-lo. Segundo Silva. T (2000) este é um “conceito central em campos como a filosofia e a psicologia social, nos quais tem conotações bastante diferentes. Na análise cultural mais recente, refere-se às formas textuais e visuais pelas quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características. No contexto dos Estudos Culturais, a análise da representação concentra-se em sua expressão material como ‘significante’: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação” (Ibidem, 2000, p.97).

⁵ De acordo com Silva (2001) “o livro Orientalismo, escrito por Edward Said é, em geral, considerado como constituindo o marco dos estudos pós-coloniais contemporâneos”.

ideológica européia - uma maneira encontrada pelos escritores, pensadores e administradores coloniais para lidar e sujeitar o “outro”.

É importante salientar que os estudos de Edward Wadie Said, não influenciaram somente o passado, pois seus pensamentos influenciam até hoje aqueles que pesquisam as representações que são disponibilizadas para a construção do “outro”, daquele que difere, no caso do autor em estudo, as representações construídas para o Oriente feitas pelos ocidentais.

Para o autor, o Oriente (subdesenvolvido e inferior) é visto como uma espécie de imagem refletida no espelho para legitimar a identidade eurocentrista e discriminatória do Ocidente (racional, desenvolvido, humanitário e superior).

Uma análise, mais densa, sobre os conceitos de Orientalismo e sobre as influências que o Ocidente teve sobre o Oriente e vice-versa será feita nesse próximo tópico do primeiro capítulo.

1.2 ORIENTALISMOS E SEUS DIVERSIFICADOS CONCEITOS

Antes de Said publicar seus estudos sobre o tema, o Orientalismo era entendido como uma disciplina acadêmica que incluía os estudos da língua e da cultura árabe nas universidades, nos centros de pesquisa e nas publicações sobre o tema. Como resultado, esses estudos pouco fizeram para diminuir os pré-conceitos e preconceitos existentes em relação ao Oriente, pelo contrário, pois, fizeram com que uma imagem dos árabes, apropriada do ponto de vista colonizador, fosse disseminada para todo o mundo.

Dessa forma, a imprensa entre outros meios de comunicação, assim como, as instituições educacionais e culturais criaram *um* modelo idealizado dos árabes durante o último ciclo de invasões americanas no Oriente Médio. Essas imagens são o resultado de um investimento continuado que tem como resposta a elaboração de

um sistema de conhecimentos sobre o Oriente. Isso é feito a partir da criação de uma rede que filtra/traduz as informações que transitam do Orientalismo para a cultura em geral.

No entanto, a partir da obra de Said tal imagem foi problematizada. Segundo Silva, T (2001):

Nesse livro, Said, tomando como base, sobretudo, a teorização foucaultiana, argumenta que o Oriente é uma invenção do Ocidente. A literatura orientalista não é, na perspectiva desenvolvida por Said, uma descrição “objetiva” de uma região que se poderia chamar de “oriente”, mas uma narrativa que efetivamente constrói o objeto do qual fala, Mais do que um interesse simplesmente científico ou epistemológico, o que move essa narrativa é a curiosidade e a fascinação pelo Outro, visto como estranho, exótico, e o impulso para fixá-lo e dominá-lo como objeto de saber e de poder. O Outro é, pois, menos um dado objetivo e mais uma criação imaginária do poder (Ibidem, 2000, p.127).

Edward Said (2007) revela que a representação “ocidental” do que é o “Oriente” tinha pouco a ver com as culturas e os povos que de fato viviam naqueles locais; eram mais uma busca de diferenciação e uma tentativa de justificação do poder colonial do Ocidente sobre o Oriente. Como consequência, temos um processo histórico de investimento que fez do Orientalismo uma base de conhecimento sobre o Oriente.

Sobre essa rede que filtra/traduz as informações sobre o Oriente, Said comenta:

O Orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia européia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material. O investimento continuado criou o Orientalismo como um sistema de conhecimentos sobre o Oriente, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental, assim como o mesmo investimento multiplicou – na verdade, tornou verdadeiramente produtivas – as afirmações que transitam do Orientalismo para a cultura em geral (SAID, 2007, p.34).

Nessa mesma perspectiva, a professora Ligia Osorio Silva em um de seus artigos afirma:

[...] os europeus construíram uma noção idealizada do Oriente, designaram fronteiras hierárquicas entre este e o Ocidente, fabricando-se a si mesmo

através dessa separação arbitrária e útil, construindo a identidade cultural européia por sobre e contra o Oriente (SILVA, L. 2003, p.01).

Assim, as “narrativas imperiais” (SILVA, T. 2001, p.125) “ao construírem uma imagem inferiorizada do Oriente acabam por fabricar o Ocidente como um povo superior”. De acordo com Silva, T(2001), tais narrativas “constroem o “outro” colonial enquanto objeto de conhecimento e como sujeito subalterno. As narrativas imperiais são vistas como parte do projeto de submissão dos povos colonizados” (Ibidem, p.125). Acabamos por esquecer que o Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material européia, e que o Oriente (o “outro”) foi material intelectualmente importante para consolidar o Ocidente.

O Oriente tem atraído a atenção dos povos, pois segundo Said: “O Oriente Médio, os árabes e o islã continuaram alimentando mudanças, conflitos, controvérsias e, no momento em que escrevo estas linhas, guerras”. (2007, p.12). Além disso:

Minha ideia é que o interesse europeu e depois americano no Oriente era político segundo alguns dos óbvios relatos históricos que apresentei, mas que foi a cultura que criou esse interesse, que atuou dinamicamente junto com a lógica política, econômica e militar bruta para fazer do Oriente o lugar variado e complicado que ele evidentemente era no campo de estudo que chamo Orientalismo (SAID, 2007, p.40).

Por meio de seus estudos presentes no livro Orientalismo, é possível verificar que a definição de Orientalismo sofreu algumas mudanças, no entanto sua essência continua a mesma, pois Orientalismo é o produto de circunstâncias que são, fundamentalmente, ou melhor, radicalmente, fragmentos.

O Orientalismo, segundo Said, é facilmente perceptível a partir do século XIX, época na qual a carreira de “orientalistas” se profissionalizou. Esses eram estudiosos tais como antropólogos, historiadores, sociólogos e filólogos, que trabalhavam sobre os auspícios do Império Britânico e Francês e que dedicaram partes de suas vidas a fazer descrições e declarações sobre o Oriente. Como resultado desses estudos, ao invés de revelações de aspectos reais sobre o Oriente temos o estudo sobre o estilo ocidental de dominação e colonização.

Acerca desse tema, Said afirma: “Quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente – seja um antropólogo, um sociólogo, um historiador ou um filólogo – nos seus aspectos específicos ou gerais é um orientalista, e o que ele ou ela faz é Orientalismo” (Ibidem, 2007, p. 28).

O Orientalismo como define Said (2007), é “um ‘estilo de pensamento’, um modo de pensar o Oriente que ajudou a subordiná-lo através do conhecimento enviesado produzido sobre ele e que deu ao Ocidente o poder de ditar o que era significativo sobre ‘o outro’, classificá-lo junto com outros de sua espécie e colocá-lo ‘no seu lugar’” (Ibidem, 2007, p.29). Segundo o autor: “o Orientalismo é um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o “Oriente” e (na maior parte do tempo) o “Ocidente” (Ibidem, 2007, p.29).

Ainda sobre o conceito de Orientalismo, em sua obra é afirmado:

Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-os: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (SAID, 2007, p. 29).

[...] por causa do Orientalismo, o Oriente não era (e não é) um tema livre para o pensamento e ação. Isso não quer dizer que o Orientalismo determina unilateralmente o que pode ser dito sobre o Oriente, mas que consiste numa rede de interesses inevitavelmente aplicados (e assim sempre envolvidos) em toda e qualquer ocasião em que essa entidade peculiar, o “Oriente”, é discutida. [...] Falar do Orientalismo, portanto, é falar principalmente, embora não exclusivamente, de um empreendimento cultural britânico e francês (SAID, 2007, p.30).

[...] o Orientalismo não é um simples tema ou campo político refletido passivamente pela cultura, pela erudição ou pelas instituições; nem é uma grande e difusa coletânea de textos sobre o Oriente; nem é representativo ou expressivo de alguma execrável trama imperialista “ocidental” para oprimir o mundo “oriental”. É antes a *distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos; é a *elaboração* não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é composto de duas metades desiguais; o Oriente e o Ocidente), mas também de toda uma série de “interesses” que, por meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica, a descrição paisagística e sociológica, o Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém; é, mais do que expressa, uma certa vontade ou intenção de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar o que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo); é sobretudo um discurso que não está absolutamente em relação correspondente direta com o poder político ao natural, mas antes é produzido e existe um intercâmbio desigual com vários tipos de poder, modelando em certa medida pelo intercâmbio com o poder político (como

um regime imperial ou colonial), o poder intelectual (como as ciências dominantes, por exemplo, a lingüística ou a anatomia comparadas, ou qualquer uma das modernas ciências políticas), o poder cultural (como as ortodoxias e os cânones de gosto, texto, valores), o poder moral (como as idéias sobre o que “nós” fazemos e o que compreendemos. [...] o Orientalismo é – e não apenas representa – uma dimensão considerável da moderna cultura político-intelectual e, como tal, tem menos a ver com o Oriente do que com o “nosso” mundo (SAID, 2007, p. 41)

[...] o Orientalismo constituía em última análise uma visão política da realidade, cuja estrutura promovia a diferença entre o familiar (a Europa, o Ocidente, “nós”) e o estranho (o Oriente, o Leste, “eles”). Em certo sentido, essa visão criava e depois servia os dois mundos assim concebidos. Os orientais viviam em seu mundo, “nós” vivíamos no nosso (SAID, 2007, p.78).

Por meio dessas citações é possível perceber a existência de três classificações para o termo Orientalismo. Em sua obra, Said (2007) nomeia e caracteriza cada uma das três classificações da seguinte maneira: Orientalismo acadêmico – pertencente ao século XIX, que correspondia a uma disciplina acadêmica que fazia o estudo do Oriente sob um olhar eurocêntrico visando legitimar a superioridade da Europa, onde o modo de analisar era pautado em um determinado método e seguia certo rigor acadêmico -, Orientalismo imaginativo – é uma forma de pensar o Oriente de um modo mais geral, é a relação da produção acadêmica e o que é transmitido ao senso comum, ao conhecimento geral, ao imaginário de cada época - e o Orientalismo histórico – busca entender os termos e conceitos históricos em cada tempo e compreender seu contexto específico -.

O Orientalismo se encarregou de representar o Oriente, definir seus contornos, características e vocações. Todas essas ações foram feitas à margem dos interesses dos habitantes do Oriente, pois como afirmei anteriormente, foram os ocidentais que criaram e alimentaram – e continuam a fazer isso – o Orientalismo. Como resultado, são os não orientais que acabam criando toda a imagem e símbolos que temos do Oriente – criam-se estereótipos e moldes padronizados.

Enquanto os europeus e os norte-americanos alimentavam o Orientalismo no Oriente, nunca houve um processo intelectual similar por parte dos árabes, pois não ocorre um Ocidentalismo por parte deles. Como prova disto, pode-se mostrar que a produção de livros no Ocidente sobre o Oriente é gigantesca enquanto, que no Oriente a produção de livros sobre o Ocidente é quase nula se formos comparar.

Milhares de escritores europeus se dedicaram e foram influenciados pelo Orientalismo, porém, não sabiam do verdadeiro valor político e ideológico de suas produções para a hegemonia do Ocidente no Oriente. Fábio de Oliveira Ribeiro em um de seus artigos intitulado: “Orientalismo”, afirma:

Ocorreu um intercâmbio dinâmico entre autores individuais e os grandes interesses políticos modelados pelos três grandes impérios – o britânico, o francês e o americano – em cujo território intelectual e imaginativo a escrita foi produzida (RIBEIRO, 2007 p. 01).

Nesse sentido, Said pontua:

“Orientalismo” é o termo genérico que tenho empregado para descrever a abordagem ocidental do Oriente; Orientalismo é a disciplina pela qual o Oriente era (e é) abordado de maneira sistemática, como um tópico de erudição, descoberta e prática. Mas, além disso, tenho usado a palavra para designar o conjunto de sonhos, imagens e vocabulários disponíveis para quem tenta falar sobre o que existe a leste da linha divisória (SAID, 2007, p.115)

E, ainda assim, devemos nos perguntar várias vezes se o que importa no Orientalismo é o grupo geral de ideias que domina a massa de material – impregnadas de doutrinas da superioridade européia, vários tipos de racismo, imperialismo e coisas semelhantes, visões dogmáticas do “oriental” como uma espécie de abstração ideal e imutável – ou o trabalho muito variado e produzido por um número quase incontável de autores individuais, que podem ser considerados como exemplos individuais que tratam do Oriente (SAID, 2007, p. 35).

Nessa mesma temática, Said apresenta o seguinte argumento:

Minha ideia é que o interesse europeu e depois americano no Oriente era político segundo alguns dos óbvios relatos históricos que apresentei, mas que foi a cultura que criou esse interesse, que atuou dinamicamente junto com a lógica política, econômica e militar bruta para fazer do Oriente o lugar variado e complicado que ele evidentemente era no campo de estudo que chamo Orientalismo (SAID, 2007, p.40).

Fábio de Oliveira Ribeiro(2007) comenta que para Said a “relação entre Ocidente e Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa” (Ibidem, 2007, p.02). O autor ainda afirma em seu trabalho que o Orientalismo, pode ser visto como “um aparato cultural, uma agressão, uma atividade, um julgamento, uma persistência e um conhecimento” (2007, p.02).

Nessa mesma perspectiva, Said apresenta a seguinte declaração:

[...] o Oriental é descrito como algo que se julga (como um tribunal), algo que se estuda e descreve (como num currículo), algo que se disciplina (como numa escola ou prisão), algo que se ilustra (como num manual de zoologia). O ponto é que em cada um desses casos o Oriente é contado e representado por estruturas dominadoras (SAID, 2007, p.73-74).

O Oriente era visto como se estruturado pela sala de aula, pela corte criminal, pela prisão, pelo manual ilustrado. O Orientalismo é, portanto, o conhecimento do Oriente que coloca as coisas orientais na aula, no tribunal, na prisão ou no manual, para escrutínio, estudo, julgamento, disciplina ou governo (SAID, 2007, p.74)

Para Said, não existe uma essência do Oriente assim como, também, não existe uma essência do Ocidente. Estas construções serviram para mascarar uma relação desigual que marcou historicamente o relacionamento entre alguns países da Europa “adiantada” com países da periferia do capitalismo, afirma Ligia Osorio Silva (2003) em seu artigo.

A partir dessas afirmações, é possível chegar à conclusão de que o Oriente na visão do Orientalismo é o lugar do exótico, do não civilizado, da barbárie, do oposto, do diferente, do inimigo, ou seja, do “outro” considerado hierarquicamente inferior. Segundo Said (2007) o Orientalismo apresenta diversos significados, mas de modo geral, ele reflete a forma específica pela qual o Ocidente europeu pensa o que é o Oriente. Nesse caso, o Orientalismo não necessariamente estabelece uma relação de identificação “real” com o Oriente e sim com a ideia que o Ocidente faz dele e, apesar de tudo isso não podemos esquecer que o Oriente é uma entidade autônoma dotada de múltiplas identidades culturais, sociais, políticas, econômicas, étnicas, religiosas e como suas respectivas localizações geográficas.

Pode-se concluir que por Orientalismo podemos entender vários conceitos e que todos eles se comunicam e são interdependentes e que é o Orientalismo quem construiu os consensos que permitem e legitimam as atrocidades norte-americanas no Oriente.

1.3 O ALCANCE DO ORIENTALISMO

Como visto anteriormente, o Orientalismo é uma definição antiga que vem atuando e causando efeitos no mundo desde os tempos mais remotos até os dias de hoje. Como Said (2007) afirma: hoje existe a presença de um Orientalismo moderno.

Sobre esse tema, o autor diz:

A diferença entre as representações do Oriente antes do último terço do século XVIII e as existentes depois desse período (isto é, aquelas pertencentes ao que chamo de Orientalismo moderno) é que o alcance da representação se expandiu enormemente na fase mais recente (SAID, 2007, p.52).

Um aspecto do mundo eletrônico pós-moderno é que houve um reforço dos estereótipos pelos quais o Oriente é visto. A televisão, os filmes e todos os recursos da mídia têm forçado as informações a se ajustar em moldes cada vez mais padronizados. No que diz respeito ao Oriente, a padronização e os estereótipos culturais intensificaram o domínio da demonologia imaginativa e acadêmica do “misterioso Oriente” do século XIX (SAID, 2007, p. 58).

A pesar dessas transformações, deve-se ficar claro que: “tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente” (Said, 2007 p. 31). O autor ainda salienta: “o Oriente não é um fato inerte na natureza. Ele não está meramente *ali*, assim como o próprio Ocidente tampouco está apenas *ali*” (Said, 2007, p.31).

Segundo Said, todos aqueles que escrevem sobre as idéias, histórias e tradições do Oriente deve-se:

Localizar vis-à-vis ao Oriente; traduzida no seu texto, essa localização inclui o tipo de voz narrativa que ele adota, o tipo de estrutura que constrói, os tipos de imagens, temas, motivos que circulam no seu texto – todos os quais se somam para formar deliberados de se dirigir ao leitor, de abranger o Oriente e, enfim, de representá-lo ou falar em seu nome. [...] Todo o escritor Sobre o Oriente (e isso vale até para Homero) assume algum precedente oriental, algum conhecimento prévio do Oriente, a que se refere e em que se baseia (SAID, 2007, p.50).

Nessa mesma perspectiva, o autor afirma:

O Orientalismo é postulado sobre a exterioridade, isto é, sobre o fato de que o orientalista, poeta ou erudito, faz o Oriente falar, descreve o Oriente, esclarece os seus mistérios por e para o Ocidente. [...] A exterioridade da representação é sempre regida por alguma versão do truísmo de que, se o Oriente pudesse representar a si mesmo, ele o faria; como não pode, a representação cumpre a tarefa para o Ocidente e, *faute de mieux*, para o pobre Oriente (SAID, 2007, p.51).

Todo o Orientalismo representa e se afasta do Oriente: o fato de o Orientalismo fazer sentido depende mais do Ocidente do que do Oriente, e esse sentido tem uma dívida direta com várias técnicas ocidentais de representação que tornam o Oriente visível, claro, ‘presente’ no discurso a seu respeito (SAID, 2007, p.52).

As imagens disponibilizadas sobre o Oriente ganham influência com os autores: Homero, Herval, Flaubert, Disraeli, Kipling entre muitos outros, cujas descrições imaginativas muito contribuíram para a imagem exótica e romântica que o Ocidente tem do Oriente. É William Beckford, Byron, Goethe e Hugo que reestruturam o Oriente com sua arte e tornaram visíveis suas cores, suas luzes e seus povos por meio de imagens, ritmos e temas. Sobre essa temática, Said em seu livro sobre o Orientalismo afirma: “quando muito, o Oriente ‘real’ provocava a visão do escritor; muito raramente o orientava” (SAID, 2007, p.53). Cabe ressaltar, que grande parte dos escritores dessa época não tinham consciência do valor político e ideológico de sua produção intelectual para a hegemonia do Ocidente no Oriente. Foi por meio desses escritores que ocorreu um intercâmbio dinâmico entre autores individuais e os grandes interesses políticos modelados pelos três grandes impérios: o britânico, o francês e o americano.

No entanto, não foi somente por meio de escritores que o Orientalismo ganhou força, mas foi também com a ajuda de políticos como: Balfour – por meio de discursos na Câmara dos Comuns, cujas teses sobre os orientais pretendiam atingir a universalidade objetiva - e Cromer – que por meio de seu governo falava sobre os orientais, especificamente, como aquilo que ele havia governado e com quem tivera que lidar. Sua visão era a de que o oriental age, fala e pensa de um modo exatamente oposto ao do europeu. Sobre essa temática Said (2007) afirma: “os ‘orientais’ de Balfour são as ‘raças subjugadas’ de Cromer, que ele transformou no

tópico de um longo ensaio publicado na *Edinburgh Review*, em janeiro de 1908” (Ibidem, 2007, p.68).

Said cita uma passagem de uma das obras de Cromer chamada “Modern Egypt”, onde ele apresenta sua visão sobre os orientais em comparação com a dos ocidentais:

O europeu é um bom raciocinador; suas afirmações factuais não possuem nenhuma ambigüidade; ele é um lógico natural, mesmo que não tenha estudado lógica; é por natureza cético e requer provas antes de aceitar a verdade de qualquer proposição; sua inteligência treinada funciona como um mecanismo. A mente do oriental, por outro lado, como as suas ruas pitorescas, é eminentemente carente de simetria. Seu raciocínio é dos mais descuidados. Embora os antigos árabes tivessem adquirido num grau bem mais elevado a ciência da dialética, seus descendentes são singularmente deficientes na faculdade lógica. São muitas vezes incapazes de tirar conclusões mais óbvias de quaisquer premissas simples, das quais talvez admitam a verdade. Procurem extrair uma simples declaração de fatos de qualquer egípcio comum. Sua explicação será geralmente longa e carente de lucidez. É muito provável que se contradiga mais de dúzia de vezes antes de terminar sua história. Ele com frequência sucumbirá sob o processo mais ameno de acareação (CROMER apud SAID, 2007, p.71).

Nessa mesma perspectiva, Said apresenta os seguintes argumentos:

[...] os orientais e os árabes são crédulos. “sem energia e iniciativa”; [...] os orientais não sabem caminhar numa estrada ou num pavimento (suas mentes desordenadas não compreendem o que o inteligente europeu apreende imediatamente, que as ruas e os pavimentos são feitos para caminhar); os orientais são mentirosos contumazes, são “letárgicos e desconfiados”, e em tudo opõem-se à clareza, à franqueza, e à nobreza da raça anglo-saxônica (SAID, 2007, p. 71).

Muitos termos foram usados para expressar a relação: Balfour e Cromer, tipicamente usaram vários. O oriental é irracional, depravado, infantil, “diferente”; o europeu é racional, virtuoso, maduro, “normal” (SAID, 2007, p.73).

Segundo Said, os ápices da expansão do Orientalismo ocorrem nos seguintes períodos:

O período de imenso progresso nas instituições e no conteúdo do Orientalismo coincide exatamente com o período de expansão europeia sem paralelo; de 1815 a 1914, o domínio colonial direto dos europeus expandiu-se de cerca de 35% para cerca de 85% da superfície da Terra (SAID, 2007, p.74).

Durante o século XIX, o campo cresceu enormemente em prestígio, como também cresceram a reputação e a influência de instituições como a Société Asiatique, a Royal Asiatic Society, a Deutsche Morgenländische

Gesellschaft e a American Oriental Society. Com o crescimento dessas sociedades ocorreu também um aumento, em toda a Europa, do número de cátedras nos estudos orientais; conseqüentemente, houve uma expansão dos meios disponíveis para disseminar o Orientalismo. Os periódicos orientalistas, começando com o *Fundgraben des Orients* (1809), multiplicaram o acervo de conhecimento bem como o número de especializações (SAID, 2007, p.77)

Como podemos perceber, o alcance do Orientalismo corresponde exatamente ao alcance do império, e foi essa absoluta unanimidade entre os dois que provocou a única crise na história do pensamento ocidental sobre o Oriente e nas negociações com o próprio, afirma Said (2007).

Esse pensamento ocidental a cerca do Oriente, como podemos ver foi detalhado por meio de diversos textos e livros publicados ao longo dos anos e tão impressionantes foram os sucessos descritivos e textuais do Orientalismo que períodos inteiros da história cultural, política e social do Oriente são considerados meras respostas ao Ocidente. Como afirma Said: “o Ocidente é o ator, o Oriente é o coadjuvante passivo. O Ocidente é o espectador, o juiz e o júri de cada faceta do comportamento oriental” (Ibidem, 2007, p.161).

Nessa perspectiva, cabe concluir que:

O Orientalismo está envolvido em circunstâncias mundanas, históricas que tentou esconder por trás de um cientificismo freqüentemente pomposo e apelos ao racionalismo. O intelectual contemporâneo pode aprender com o Orientalismo, por um lado, como limitar ou ampliar realistamente o alcance das afirmações de sua disciplina e, por outro, como ver o terreno humano (a imunda loja de artigos usados do coração, nas palavras de Yeats) em que os textos, as visões, os métodos e as disciplinas começam, crescem, prosperam e degeneram. Investigar o Orientalismo é também propor modos intelectuais de lidar com os problemas metodológicos que a história apresentou, por assim dizer, no seu tema de estudo, o Oriente (SAID, 2007, p.162-163).

Depois das discussões acima apresentadas, será analisado no próximo capítulo as concepções que Said apresenta a cerca de cultura e imperialismo, presente em um de seus livros sobre o tema.

2. CULTURA E IMPERIALISMO

Este capítulo tem por objetivos apresentar e refletir sobre alguns conceitos que estão presentes na obra: “Cultura e Imperialismo” de Edward Said. Para atingir tais objetivos optei por subdividi-lo em duas seções. A primeira apresenta a obra em estudo, destacando alguns conceitos que achei pertinentes ao meu trabalho de conclusão e a segunda busca discutir a inserção da literatura, mais especificamente do romance como uma engrenagem que possibilitou/possibilita a manutenção do imperialismo.

2.1 CULTURA E IMPERIALISMO DE EDWARD SAID

“Cultura e Imperialismo” é mais um dos grandes sucessos publicados pelo escritor Edward Said. A obra tem sua primeira edição no ano de 1993 e em 1995 tem sua publicação em português pela editora Companhia das Letras. A obra foi produzida a partir das ideias que suscitaram no autor logo após a publicação de seu primeiro livro – “Orientalismo”. Essas ideias estão relacionadas a discussão que existe entre a relação que há entre cultura e império.

Para Said (1995) é um livro sobre o passado e o presente, “sobre ‘nós’ e ‘eles’, e como todas essas coisas são vistas pelos vários partidos, em geral opostos e separados” (Ibidem, 1995, p.24-25).

Já para Alarcon do Ó, os livros de Said – “Orientalismo” e “Cultura e Imperialismo” – “podem ser pensados não como uma continuidade, mas como dois momentos singulares de problematização de elementos importantes para a compreensão do mundo contemporâneo” (Ibidem, 2005, p. 114). Segundo o autor

dos livros: “cada um deles tem a sua mirada, o seu ângulo preferencial, e, por conseguinte, os seus efeitos” (SAID, 1995, p.12).

Segundo Said, durante a escrita desse livro, ele se viu estimulado a “ampliar a argumentação do livro anterior, de modo a descrever um modelo mais geral de relações entre o Ocidente metropolitano e seus territórios ultramarinos” (Ibidem, 1995, p.11). Além de ampliar a argumentação, o autor acredita que: “o que deixei de fora em *Orientalismo* foi a reação ao domínio ocidental que culminou no grande movimento de descolonização em todo o Terceiro Mundo” (Ibidem, 1995, p.12). Esse movimento, gerou as iniciativas armadas de recusa à dominação, possibilitou a afirmação de identidades nacionalistas no âmbito da resistência cultural e, no âmbito político foi possível a criação de associações e partidos que tinham por objetivo a autodeterminação e a independência nacional.

Ao longo do livro “*Cultura e Imperialismo*”, o autor estabelece um diálogo que é ao mesmo tempo de afirmação, ampliação e problematização. “Ele parte de questões já enunciadas, experimenta o seu funcionamento no estudo de contextos mais dilatados e, desse modo põe à prova argumentos com os quais trabalha, e a partir dos quais construiu, para si, um lugar de destaque na cena cultural contemporânea”, afirma Alarcon Agra do Ó (Ibidem, 2005, p.113) em seu artigo.

Nesse livro, o autor procura expandir os territórios de sua análise, pois em seu livro “*Orientalismo*” ele passa a maior parte do tempo explanando a cerca do Oriente Médio e, nesse ele procura escrever a respeito de textos europeus sobre a África, a Índia, partes do Extremo Oriente, Austrália e Caribe e outras áreas do planeta em que o Ocidente se fez presente seja na forma de imperialismo ou de colonialismo formal. Além disso, ele busca destacar o papel central do pensamento imperialista na cultura ocidental moderna.

Por meio desses materiais, Said procura analisar como os textos são tramados a partir de enunciações aparentemente apenas literárias, mas que estão ligadas a invenção de mundos e de possibilidades de entendimento e de comunicação desses mundos. Para o autor:

A narrativa é crucial, tendo como tese básica a ideia de que as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca de regiões estranhas do mundo, mas que, ao mesmo tempo, tais histórias se tornam um método utilizado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria (SAID, 2005, p.13).

Portanto, cabe concluir que tanto o poder de narrar quanto o de bloquear ou de impedir a formação de narrativas são relevantes para o estudo da cultura e do imperialismo.

Sobre essa temática, Alarcon afirma:

A seu ver [perspectiva de Said], a construção do texto é dotada de uma espessura política da qual não se pode fugir. A escolha de imagens para a descrição dos ambientes em que as histórias ocorrem, ou a definição dos tipos de personagem, tudo se faz a partir do acionamento de uma série singular de possibilidades do dizer, e o que é dito, imediatamente, lança-se ao mundo como uma máquina de significação [...] a literatura não é outra coisa a não ser a política se realizando enquanto textualidade, enquanto fabulação interessada do mundo (Ó, 2005, p. 113).

Sobre Said e seu livro “Cultura e Imperialismo”, Paulino escreve:

Este autor nos mostra que as produções literárias não estão desconectadas do contexto cultural, econômico e político em que seus autores estão imersos. Sendo assim, produções como os romances e a literatura de viagens reproduziram um determinado tipo de discurso que posiciona o homem europeu e, a meu ver, também o norte-americano, bem como o “seu mundo ocidental” e seus respectivos valores, como superiores em relação ao “resto” do mundo, delimitando assim o espaço doméstico e os outros lugares [...] Ao analisar a produção cultural e mostrar que o discurso construído por grandes escritores reproduziram valores imperialistas, Said demonstrou que a cultura não pode ser vista como algo separado da sociedade e da política (PAULINO, 2008, p.14).

Dessa forma, é possível perceber que ambos os autores apontam para a politicidade dos textos, ou seja, para a não neutralidade das palavras. Estas acabam por reforçar posicionamentos para os sujeitos e, no caso do Oriente, para fixá-los em um patamar inferior na relação com o Ocidente. Analisando, de forma mais densa, o conceito de “imperialismo”, verifiquei que no dicionário o verbete apresenta os seguintes significados: 01. Governo ou autoridade em que a nação é um império. 02. Política de expansão e domínio econômico, político e cultural de uma nação sobre a outra. Acerca do significado da palavra é possível afirmar que imperialismo é a

política de expansão e domínio territorial, cultural e econômico de uma nação sobre outras.

Além disso, a palavra pode assumir o seguinte significado: forma de política ou prática exercida por um Estado que visa à própria expansão, seja por meio de aquisição territorial, seja pela submissão econômica, política e cultural de outros Estados.

No livro “Cultura e Imperialismo”, Said (1995) usará o termo imperialismo para: “designar a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante” (Ibidem, 1995, p.40). Ainda nessa perspectiva, o autor cita uma fala do escritor Michael Doyle a respeito dessa conceituação:

O império⁶ é uma relação, formal ou informal, em que um Estado controla a soberania política efetiva de outra sociedade política. Ele pode ser alcançado pela força, pela colaboração política, por dependência econômica, social ou cultural. O imperialismo é simplesmente o processo ou a política de estabelecer ou manter um império (DOYLE apud SAID, 1995, p. 40).

Para Said (1995): “‘imperialismo’, palavra e ideia hoje tão controversas, a tal ponto carregadas de todo o tipo de questões, dúvidas, polêmicas e premissas ideológicas que se torna difícil usar o termo” (Ibidem, 1995, p. 35). Nessa mesma perspectiva, o autor apresenta o seguinte conceito: “num nível muito básico, o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros” (Ibidem, 1995, p.37).

Segundo o autor (1995), o imperialismo era um simples ato de acumulação e aquisição que é sustentado e às vezes impelido por potentes correntes ideológicas

⁶ No dicionário o verbete apresenta os seguintes significados para a palavra “império”: 01. Poder ou autoridade de um imperador ou de uma imperatriz. 02. Forma de governo monárquico, cujo soberano é imperador ou imperatriz. 03. A nação assim governada e seus habitantes. 04. Autoridade, comando. 05. Unidade política que abarca vários territórios ou povos sob uma única autoridade soberana. 06. Nação de grande porte. 07. Grande grupo econômico comandado por uma única pessoa física ou jurídica.

que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam de dominação. Além disso, Said afirma que os procedimentos imperiais foram além de práticas econômicas e decisões políticas, por isso promoveram a cultura nacional. Cabe ressaltar, ainda, que o imperialismo, no final do século XIX, na Inglaterra, era “considerado essencial para o bem-estar da fecundidade britânica em geral e da maternidade em particular” (SAID, 1995, p.110). Isso nos faz perceber a amplitude que o imperialismo tinha nessa época, pois ele não era entendido apenas como uma questão territorial, mas também como uma questão de modificação/ alteração da cultura.

Said, ao apresentar vários conceitos sobre imperialismo, traz a visão que Conrad (autor que muito empregou em seus textos a visão imperialista) tinha a respeito desse sistema. Segundo Conrad: “imperialismo, em certo nível, consistia essencialmente em pura dominação e ocupação de territórios” (CONRAD apud SAID, 1995, p.63). No entanto, o que Conrad não conseguia inferir era que o imperialismo teria que terminar com os nativos para que pudessem ter uma vida livre de dominação européia.

Nessa mesma perspectiva, Edward Said conclui que:

Tão vasto, e ao mesmo tempo, tão detalhado é o imperialismo como experiência de dimensões culturais cruciais que devemos falar em territórios que se sobrepõem, em histórias que se entrelaçam, comuns a homens e mulheres, brancos e não-brancos, moradores da metrópole e das periferias, passados, presentes e futuros; esses territórios e histórias só podem ser vistos da perspectiva da história humana secular em sua totalidade (SAID, 1995, p.98).

Após explanar sobre os diferenciados conceitos que a palavra imperialismo pode possuir, o autor apresenta as concretizações alcançadas pelo processo imperialista:

Uma das realizações do imperialismo foi aproximar o mundo e, embora nesse processo a separação entre europeus e nativos tenha sido insidiosa e fundamentalmente injusta, a maioria de nós deveria agora considerar a experiência histórica do império como algo compartilhado em comum (SAID, 1995, p.23).

Em parte devido ao imperialismo, todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas,

extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo. Isso, a meu ver, vale tanto para os Estados Unidos contemporâneos quanto para o mundo árabe moderno, onde se pregoam respectivamente tanto os perigos do “não-americanismo” quanto as ameaças ao “arabismo” (SAID, 1995. p. 28).

É no final do século XIX que o império antes visto como uma presença nebulosa e dono de uma “figura indesejada” como a de um “criminoso fugitivo”, passa a ser uma área central de interesse nas obras clássicas dos grandes autores. No entanto, se o imperialismo avançou nos séculos XIX e XX, o mesmo se deu com a resistência a ele, tendo o seu fim mais ou menos formal com o desmantelamento das grandes estruturas coloniais após a Segunda Guerra Mundial. A respeito do Imperialismo, afirmar-se:

Um comprometimento por causa do lucro, e que ia além dele, um comprometimento na circulação e recirculação constantes, o qual, por um lado, permitia que pessoas decentes aceitassem a ideia de que territórios distantes e respectivos povos deviam ser subjugados e, por outro lado revigorava as energias metropolitanas, de maneira que as pessoas decentes pudessem pensar num *imperium*⁷ como um dever planejado, quase metafísico de governar os povos subordinados, inferiores ou menos avançados (SAID, 1995, p.41).

O imperialismo consolidou a mescla de cultura e identidades em escala global. Mas seu pior e mais paradoxal legado foi permitir que as pessoas acreditassem que eram apenas, sobretudo, exclusivamente brancas, pretas, ocidentais ou orientais (SAID, 1995, p. 411).

Assim, para o professor e intelectual Edward Said, no auge do grande imperialismo temos:

Uma fusão conjuntural entre, de um lado, os códigos historicizantes dos textos discursivos na Europa, postulando um mundo universalmente passível de exame impessoal e transnacional e, de outro lado, um mundo maçicamente colonizado. O objeto desta visão consolidada é sempre uma vítima ou um personagem sob forte coerção, com a ameaça permanente de severas punições, apesar de suas diversas virtudes, serviços ou realizações, excluída ontologicamente por possuir poucos dos méritos do forasteiro conquistador, fiscalizador e civilizador. Para o colonizador, a manutenção do aparato incorporador requer um esforço incessante. Para a vítima, o imperialismo oferece duas alternativas: servir ou ser destruída (SAID, 1995, p. 220).

⁷ Segundo Said (1995): Imperium – um domínio. Estado ou soberania que se expandiria em população e território, e aumentaria em força e poder (Ibidem, 1995, p.39).

Para o autor, as atitudes imperiais tinham abrangência e autoridade, mas também, num período de expansão externa e mobilidade social interna, um grande poder criativo. Sobre essa passagem, Said afirma: “refiro-me aqui não só a ‘invenção da tradição’ de modo geral, mas também a capacidade de gerar imagens estéticas e intelectuais curiosamente autônomas” (SAID, 1995, p. 153).

Durante a leitura da obra de Edward Said, é possível perceber que o autor sugere que há a ocorrência de um imperialismo moderno, que segundo ele era: “tão global e abrangente que praticamente nada lhe escapava; além disso, a disputa oitocentista pelo império ainda prossegue até hoje” (SAID, 1995, p. 106). Além disso, ele afirma: “as imagens da autoridade imperial ocidental permanecem – persistentes, atraentes, instigantes” (1995, p. 154); “o imperialismo não acabou, não virou de repente ‘passado’ ao se iniciar, com a descolonização, a desmontagem dos impérios clássicos” (1995, p. 349).

Para Michael Barratt-Brown, citado na obra de Said o imperialismo:

Ainda é, inquestionavelmente, uma força poderosíssima nas relações econômicas, políticas e militares por meio das quais os países menos desenvolvidos economicamente estão subordinados aos mais desenvolvidos economicamente (BROWN apud SAID, 1995, p. 350).

Nessa mesma perspectiva, Ligia Osório e Souza afirmam:

A atualidade da análise de Said confirma a ideia de que o imperialismo não acabou, não se tornou “passado” com os processos de descolonização e a desmontagem dos impérios clássicos. Os vínculos entre as antigas colônias e as antigas metrópoles continuam a demandar atenção especial e o papel de superpotência desempenhado pelos Estados Unidos, hoje, mostra que, apesar do novo arranjo nas linhas de força, o imperialismo continua a ser um traço marcante das relações Norte-Sul. (OSORIO, 2003, p.03).

Seria ingenuidade supor que a dominação dos países mais ricos sobre os mais pobres acabou. Se antes o imperialismo se impunha pela força, hoje o seu poderio se reflete nas relações econômicas, culturais e políticas entre os chamados Primeiro e Terceiro Mundo (SOUZA, 2003, p.05).

Para reforçar essa ideia, Said cita a fala de Kiernan, que segundo o intelectual palestino colocou com precisão a ideia do imperialismo moderno:

O imperialismo moderno consistiu num aglomerado de elementos, nem todos de mesmo peso, que podem ser remontados a todas as épocas da

história. Talvez suas causas últimas, ao lado da guerra, encontrem-se não tanto em necessidades materiais tangíveis e sim nas difíceis tensões de sociedades distorcidas por divisões de classe, refletindo-se em ideias distorcidas na mente dos homens (KIERNAN apud SAID, 1995, p. 42).

Partindo do pressuposto que o imperialismo ainda se faz presente – imperialismo moderno - penso ser necessário pontuar seus modos de configuração atuais. Nesse sentido, passo a analisar o papel da literatura, mais especificamente dos romances, na manutenção das relações hierárquicas entre o Ocidente e o Oriente.

2.2 O IMPERIALISMO PRESENTE NOS ROMANCES

A arte e a política sempre caminharam juntas
(Fábio de Oliveira Ribeiro, 2005, p. 03)

Não há poética que não seja, ao mesmo tempo, também uma política (Tomaz Tadeu da Silva, 2001, p.126)

Por meio dos textos, principalmente dos romances⁸, é que Said irá mapear todo o seu estudo ao longo de “Cultura e Imperialismo”, pois ele acredita que história e literatura se misturam, na medida em que, a seu ver, a narrativa é o solo comum em que os homens pensam a si e ao seu mundo, e expressam isso. Segundo Said (1995): as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas a cerca das regiões estranhas do mundo, além de ser o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles. “É contando que os homens existem; e para entender a sua

⁸ O romance é uma forma cultural incorporadora, de tipo enciclopédico. Dentro dele se encontram tanto um mecanismo altamente preciso de enredo quanto um sistema inteiro de referência social que depende das instituições existentes da sociedade burguesa, de sua autoridade e poder. O herói e a heroína de romance mostram a energia e o vigor infatigável característicos da burguesia empreendedora, e lhes são permitidas aventuras em que suas experiências lhes revelam os limites daquilo a que podem aspirar, aonde podem ir, o que podem vir a ser. Assim, os romances terminam ou com a morte de um herói ou heroína (Julien Sorel; Emma Bovary; Bazarov; Judas, o Obscuro) que, em virtude de uma energia transbordante, não se adéqua ao esquema ordenado das coisas, ou com o acesso dos protagonistas a uma posição de estabilidade (em geral sob a forma do matrimônio ou da confirmação identitária) (SAID, 1995, p.109).

existência, é preciso observar as suas histórias, seus modos, seu estilo, suas tramas, seus personagens, sua ética” (Ibidem, 1995. p. 13).

Em “Cultura e Imperialismo”, o autor apresenta como os propósitos imperialistas influenciaram a cultura e os grandes romances de sua época. As grandes narrativas de romances ingleses e franceses, ajudaram a concretizar ideias defendidas pela política imperialista de países como a Inglaterra e França, na qual tiveram como resultado a criação de estereótipos que consciente ou inconscientemente, ajudaram a difundir os pressupostos colonialistas. Segundo Said: “este novo aspecto a ser estudado, relacionando cultura e política, longe de reduzir, na verdade aprofunda nossa compreensão dessas obras” (Ibidem, 1995, p.14).

Nessa mesma perspectiva, Said afirma:

Não estou pretendendo dizer que o romance – ou a cultura em sentido amplo – “causou” o imperialismo, e sim que o romance, como artefato cultural da sociedade burguesa, e o imperialismo são inconcebíveis separadamente. Entre todas as principais formas literárias, o romance é a mais recente, seu surgimento é o mais datável, sua ocorrência, a mais ocidental, seu modelo normativo de autoridade social, o mais estruturado; o imperialismo e o romance se fortaleciam reciprocamente a um tal grau que é impossível, diria eu, ler um sem estar lidando de alguma maneira com o outro (SAID, 1995. p. 109).

Said, justifica sua escolha por romances como objetos de estudo da seguinte maneira: “em primeiro lugar, eu os considero obras de arte e de conhecimento respeitáveis para mim e para muitos leitores” (SAID, 1995, p.11). No entanto, o autor reconhece que a escolha desse material “gera um desafio em relacioná-los não só com esse prazer e proveito, mas também com o processo imperial que fazem parte de maneira explícita e inequívoca” (1995, p.12). Ou seja, ele faz surgir de sua investigação uma nova leitura e um novo leitor.

No romance, segundo o autor, segue-se a “capacidade de estar em lugares distantes, de estudar outros povos, de codificar e divulgar o conhecimento, de caracterizar, transportar, instalar e apresentar exemplos de outras culturas” (SAID, 1995, p.152).

Além de todas essas funções exercida pelo gênero literário, o autor nos esclarece qual a função do protagonista no romance. Seu papel é o de:

Alguém, homem ou mulher, que percebe que seu projeto de vida – o desejo de ser grande, rico ou ilustre – é mera fantasia, sonho, ilusão. [...] o personagem é um jovem ou uma moça que desperta cruelmente um belo sonho de ação, realização ou glória, sendo forçado a aceitar uma posição mais baixa, um amor traído, um mundo medonhamente burguês, obtuso e filistino (SAID, 1995, p. 206).

Acerca dos personagens dos romances, que muitas vezes eram entendidos como heróis, Edward Said cita uma passagem do livro Teoria do Romance de Lukács: “todo herói de romance, diz Lukács, tenta restaurar o mundo perdido de sua imaginação, que constitui, no romance desiludido do final do século XIX, um sonho irrealizável” (Lukács apud SAID, 1995, p. 207).

Ainda sobre os romances, o intelectual palestino afirma: “encontramos alusões aos fatos imperais em quase todas as partes da cultura inglesa e francesa do século XIX e começo do XX, mas talvez em parte alguma com tanta regularidade e frequência como no romance inglês” (SAID, 1995, p.99). Autores como: Kipling, Conrad, Arthur Conan Doyle, Rider Haggard, R.L Stevenson, George Orwell, Joyce Cary, E.M.Forster e T.E.Lawrence, usam o império como contexto fundamental em suas obras. Assim, o romance é uma narrativa concretamente histórica que se modela pela história real de nações reais.

A respeito desse gênero narrativo que tem como “um dos objetivos mostrar a ausência de conflitos” (SAID, 1995, p. 194), Said esclarece:

Um romance existe primeiramente como obra de um romancista e, em segundo lugar, como objeto lido por um público. Com o tempo, os romances se acumulam e formam o que Harry Levin chamou de instituição da literatura, mas nunca deixam de ser acontecimentos singulares nem perdem sua densidade específica como parte de um empreendimento contínuo, aceito e reconhecido como tal pelos leitores e outros escritores. Mas, a despeito de toda a sua presença social, os romances não são redutíveis a uma corrente sociológica e nem se pode fazer justiça a eles, em termos estéticos, culturais e políticos, como formas subsidiárias de classe, ideologia ou interesses (SAID, 1995, p. 112).

Os romances são pinturas da realidade seja no estágio bem inicial ou final da experiência do leitor com a literatura: na verdade, eles elaboram e mantêm uma realidade que herdaram de outros romances, que rearticulam e repovoam segundo a posição, o talento e as predileções de seus autores (SAID, 1995, p.113).

Nunca podemos esquecer que os romances participam, integram, contribuem para uma política extremamente lenta e infinitesimal que elucida, reforça, talvez até ocasionalmente adianta percepções e atitudes sobre a Inglaterra e o mundo. É impressionante como esse mundo, no romance, nunca é visto senão como subordinado e dominado, e a presença inglesa vista como normativa e reguladora (SAID, 1995, p. 114).

No entanto, o autor afirma que os romances não podem ser entendidos como simples produtos de gênios literários e sim, deve ser compreendidos apenas como uma manifestação de uma criatividade incondicionada. Não podemos esquecer que o que dá força ao romance é a apropriação da história, a historicização do passado e a narrativização da sociedade e, que essas incluem a acumulação e diferenciação do espaço social – a ser usado para finalidades sociais.

Obras literárias, principalmente as de tema imperialista, “possuem um aspecto intrinsecamente desordenado, e até desajeitado num contexto político tão carregado”, afirma Said (Ibidem, 1995, p. 105). Sobre essa relação dos romances com o imperialismo, o crítico palestino pontua:

Eu chegaria a dizer que, sem império, não existe o romance europeu tal como o conhecemos, e na verdade, se estudarmos os impulsos que lhe deram origem, veremos a convergência nada fortuita entre, por um lado, os modelos de autoridade narrativa constitutivos do romance e, por outro lado, uma complexa configuração ideológica subjacente à tendência imperialista (SAID, 1995, p.108).

Como referência, como ponto de definição, como local facilmente aceito para viagens, riquezas e serviços, o império funciona para boa parte do século XIX europeu como uma presença codificada na literatura, ainda que apenas marginalmente visível (SAID, 1995, p. 101).

Quando lemos com atenção os romances, temos uma visão muito mais sutil e diferenciadora do que a visão totalmente “global” e imperial que venho descrevendo até aqui (SAID, 1995, p.116).

Segundo Fábio de Oliveira:

Said percorre a literatura francesa e inglesa dos séculos XVI e XVII e demonstra, através de uma análise profunda das obras abordadas, como a

idéia imperial foi construída antes mesmo da França e da Inglaterra se lançarem às conquistas territoriais no século XIX. Mais que isto, prova como a literatura foi um veículo importante de preservação da idéia imperial nos séculos XVIII e XIX, presumindo a submissão dos povos conquistados e relegando-os a um papel meramente secundário nas narrativas em que aparecem apenas para emoldurar e decorar os feitos dos personagens centrais, sempre europeus e brancos (RIBEIRO, 2005, p. 01).

Com todo esse material de apoio para justificar seu pensamento, Said sugere que façamos uma “leitura em contraponto”, ou seja:

Significa ler um texto entendendo o que está envolvido quando um autor mostra, por exemplo, que uma fazenda colonial de cana-de-açúcar é considerada importante para o processo de manutenção de um determinado estilo de vida na Inglaterra (SAID, 1995, p.104).

A respeito do método de leitura que Said utiliza, Alarcon do Ó afirma que o autor busca: “enfocar ao máximo possível algumas obras individuais, lê-las inicialmente como grandes frutos da imaginação criativa ou interpretativa, e depois mostrá-las como parte da relação entre cultura e império” (Ibidem, 2005, p.123).

Por meio desse tipo de leitura, em que é analisado não só o enredo da obra, o autor acredita que:

Ao ler um texto, devemos abri-lo tanto para o que está contido nele quanto para o que foi excluído pelo autor. Cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que depois dele gerou (SAID, 1995, p.105) .

Devemos, pois, ler os grandes textos canônicos e talvez também todo o arquivo da cultura européia e americana pré-moderna, esforçando-nos por extrair, estender, enfatizar e dar voz ao que está calado, ou marginalmente presente ou ideologicamente representado em tais obras (SAID, 1995, p.104).

Portanto, cabe afirmar que:

Ler essas grandes obras do período imperial em retrospecto e numa heterofania com outras histórias e tradições em contraponto, lê-las à luz da descolonização, não significa minimizar sua grade força estética nem tratá-las de modo reducionista como propaganda imperialista. Todavia, erro muito mais grave é lê-las desvinculadas de suas ligações com os fatos políticos que lhes deram espaço e forma (SAID, 1995, p.212).

Said, ao apresentar todo esse material teórico procurou analisar como foram traduzidos no discurso e na representação o movimento colonialista e imperialista. Além disso, procurou demonstrar a visão que o mais forte tem do colonizado. Nessa mesma perspectiva, o autor apresenta o seguinte argumento a respeito dos romances:

Ao lê-lo com cuidado, podemos sentir como as ideias a respeito das raças e territórios dependentes eram abraçadas tanto por executivos das relações exteriores, burocratas coloniais, estrategistas militares, quanto por leitores inteligentes de romances que se instruíam nas questões delicadas da avaliação moral, do equilíbrio literário e do acabamento estilístico (SAID, 1995, p. 138).

O autor acredita que o romance de maneira firme, ainda que discretamente, inaugura um vasto campo de cultura imperialista doméstica, sem a qual não seriam possíveis as seguintes aquisições britânicas. Devemos ler o romance como “a realização de um vasto processo acumulativo, que nos últimos anos do século XIX está chegando a seu último grande momento” (SAID, 1995, p. 212).

Para Said, o romance *Kim*⁹(publicado em 1901), do autor e poeta britânico Kipling é um exemplo perfeito de como o imperialismo distorceu o imaginário dos escritores e leitores ingleses durante séculos, a ponto de acreditarem que não havia um conflito entre a preservação da colônia e o movimento de libertação hindu. O romance foi escrito numa época em que a relação entre os ingleses e os indianos vinha se transformando, em outras palavras: britânicos e indianos estavam evoluindo, e juntos. Sobre o escritor britânico, o palestino Edward Said diz: “levou para uma audiência doméstica, basicamente insular e provinciana, o colorido, o *glamour* e o romantismo do empreendimento ultramarino britânico, o qual antes era conhecido apenas de setores específicos da sociedade” (Ibidem, 1995, P. 179).

Além disso, sobre o romance de Kipling, Said afirma:

Naturalmente podemos ler *Kim* como romance da grande literatura mundial, em certa medida independente de suas pesadas circunstâncias históricas e

⁹ Kim é um menino órfão branco criado na Índia, quando esta ainda era uma colônia britânica, e que vive experiências marcantes ao lado de um monge tibetano, um lama, procurando descobrir sua própria identidade e um sentido para sua vida.

políticas. Mas, ao mesmo tempo, não podemos cancelar unilateralmente suas conexões internas com a realidade contemporânea, as quais foram cuidadosamente observadas por Kipling (SAID, 1995, p.193).

No entanto, apesar da grande influência do romance no processo imperialista, Edward Said relembra que não podemos esquecer que não é só o romance, mas que existem outras formas culturais que levam as pessoas a imperializar.

Porém, poderíamos ser levados a pensar que se não fossem os romances, muitas histórias da época imperial e muitas descrições de países colonizados não teriam sido feitas. Sobre essa perspectiva, Said faz um breve comentário: “o povo da África, e sobretudo aqueles árabes, está apenas ali; não possui nenhuma arte que se acumule ou história que se sedimente em obras. Se não fosse o observador europeu que atesta sua existência, nem importariam” (Ibidem, 1995, p.247). Assim, muitas dessas descrições desconsideraram a cultura local e permitiram com que fossem posicionadas, em uma escala hierarquicamente inferior, toda e qualquer cultura que não a européia. Além disso, a história destes “outros” povos – orientais, africanos, etc. - parece começar só depois de seu encontro com a Europa.

A partir dos estudos realizados e dos conceitos acima expostos apresento, no próximo capítulo a análise do romance: O Fundamentalista Relutante.

3. O ORIENTALISMO E O IMPERIALISMO NA OBRA O FUNDAMENTALISTA RELUTANTE

Este capítulo tem por objetivos identificar e analisar as representações do Oriente na obra “O Fundamentalista Relutante” de Mohsin Hamid. Além disto, busco verificar as implicações de tais representações na consolidação do imperialismo cultural do Ocidente sobre o Oriente. Faço isso, acompanhando a ideia de Said (1995) quando afirma que: “nunca podemos esquecer que os romances participam, integram, contribuem para uma política extremamente lenta e infinitesimal que elucida, reforça, talvez até ocasionalmente adianta percepções e atitudes [...]” (Ibidem, 1995, P. 114). Para atingir tais objetivos apresento, em um primeiro momento, dados sobre o autor do romance e um panorama geral da trama histórica proposta por ele. A fim de facilitar a leitura, como estratégia metodológica, optei por utilizar quadros para indicar os excertos retirados do livro de Hamid.

3.1 A TRAMA DE MOHSIN HAMID

A obra em análise neste trabalho de conclusão é escrita pelo paquistanês¹⁰ Mohsin Hamid, que além de escritor é colunista dos importantes jornais norte-americanos: The New York Times, The Guardian e The Dawn. Provavelmente a experiência como colunista, possibilitou que o autor tivesse seus dois livros: Moth Smoke (2000) e O Fundamentalista Relutante (2007) [The Reluctant Fundamentalist] premiados internacionalmente. Com a obra “Moth Smoke” (publicado em dez

¹⁰ Paquistão, país do Oriente Médio que possui uma área de 881.640 km². Faz fronteira a noroeste com o Afeganistão, nordeste com a China, leste com a Índia e com o Irã a sudoeste. Possui uma cultura singular expressa por meio de hábitos, alimentos, religião, etc. A sociedade paquistanesa é predominantemente muçulmana e preserva valores familiares tradicionais. Devido a globalização, muitos paquistaneses estão vivendo no exterior (Estados Unidos, Arábia Saudita e Reino Unido).

idiomas), o autor narra uma história sobre sexo, drogas e o conflito de classes em 1990 no Paquistão, na qual o leitor é instigado a refletir sobre o julgamento de um ex-banqueiro viciado em heroína que se apaixona pela mulher do melhor amigo. Essa obra foi adaptada para uma mini-série no Paquistão e como uma opereta na Itália. Por meio desse livro, o escritor recebeu o prêmio Betty Trask Award. Com a obra *O Fundamentalista Relutante* o autor ganhou o prêmio Man Booker Prize. A obra é legitimada, no próprio livro, por comentários do Jornal *The Washington Post* e do Jornal *The Guardian*:

Alguns livros são atos de coragem (...). Tempos extremos chamam por reações extremas, por escritas levadas ao extremo. Hamid obteve algo extraordinário com este romance (*The Washington Post*).

Está é uma fábula narrada com sutileza, construída de forma sagaz, sobre o fascínio e o desencanto com os Estados Unidos (...) um trabalho inteligente, totalmente envolvente (*The Guardian*).

Para efeitos de investigação, meu trabalho dedica-se a analisar as marcas do Orientalismo e os efeitos do Imperialismo cultural, especificamente, nessa obra. No entanto, antes de iniciar essa análise, acho importante destacar, mesmo que de maneira sucinta, aspectos da vida do autor.

Mohsin Hamid, nasceu em 1971 em Lahore¹¹, no Paquistão e aos 18 anos mudou-se para os Estados Unidos para estudar nas universidades de Princeton e Harvard. Assim como Edward Said e Stuart Hall, pode-se afirmar que Hamid também pertence ao grupo de intelectuais diaspóricos. Em seu site oficial¹², é

¹¹ Está situada às margens de um afluente do Rio Indo, o Rio Ravi e é a capital e a maior cidade da província do Punjab, no Paquistão, sendo considerada um centro cultural e econômico da nação. Segundo o censo (1998), sua população era de 6.318.745 habitantes. Estima-se que atualmente tenha ultrapassado a marca de 7 milhões de habitantes. O idioma principal é o Punjabi, embora seja possível encontrar falantes do idioma Urdu. Em 1849, iniciou-se um processo de colonização pelos britânicos. A influência norte-americana na cidade fica evidenciada pela presença da indústria do cinema, denominada por eles de Lollywood. Lahore possui um número considerável de indústrias e um comércio intenso, contribuindo com um percentual maior que 13% na economia paquistanesa.

¹² <http://www.mohsinhamid.com>. Acessado em 13 de novembro de 2010.

possível constatar a enorme produção teórica desse autor, que além dos dois livros publicou somente nesse ano onze artigos¹³ para importantes revistas.

O livro *O Fundamentalista Relutante*, traduzido em vinte e sete idiomas, sucesso de público e crítica nos EUA, aborda a história de um paquistanês, chamado Changez, que vivera por muitos anos nos Estados Unidos e que agora encontra-se de volta a sua terra natal¹⁴. Em Lahore, o protagonista da história inicia uma conversa com um norte-americano em um café no velho mercado de Anarkall.

A obra é narrada em primeira pessoa, ou seja, temos o próprio Changez contando a sua história. A trama desenrola-se dentro de apenas algumas horas depois de um encontro entre um retornado imigrante ao Paquistão e um turista norte-americano. Esse turista permanece anônimo durante toda a história, pois em nenhuma vez é dito o seu nome. No entanto, sua nacionalidade norte-americana é reforçada ao longo de todo o texto.

Nesse encontro, os dois personagens conversam ao tomarem uma xícara de chá para em seguida, compartilharem um refeição no mesmo local. Após, os dois caminham, pela escuridão da cidade, até o hotel em que o norte-americano se encontra hospedado. São nesses momentos, que Changez narra a sua história de vida, praticamente, por meio de um monólogo, para seu mais novo amigo.

O paquistanês inicia o relato contando que morou durante quatro anos e meio nos Estados Unidos onde trabalhou na cidade de Nova Iorque e estudou na

¹³ Os artigos são intitulados: “Pereira Transforms”; “Confronting hypocrisy”; “Pakistan’s challenge”; “It is feyerish and flooded but Pakistan can yet thrive”; “The real problem in the Afghan was is India, Pakistan and Lashimir”; “On fatherhood”; “Fear and silence”; “Paying for Pakistan”; “Pakistan is enough”; “Room for optimism”; “Avatar in Lahore”.

¹⁴ Ao estudar a biografia do autor, levanto como hipótese que passagens da obra remetem a vida pessoal do autor.

universidade de Princeton, onde foi o primeiro colocado da sua turma. Durante sua estadia no país, Changez conseguiu estruturar sua vida de uma forma bastante brilhante, pois foi selecionado para trabalhar numa empresa de elite em Nova Iorque que fazia avaliações de mercado para grandes companhias. Com esse emprego, o protagonista recebia todo o final do mês uma importante soma em dinheiro para se sustentar e ainda mandar determinadas quantias para a sua família em Lahore. Além do sucesso profissional, Changez relata a paixão por Erica, uma norte-americana que possui problemas psíquicos em virtude da morte de seu primeiro namorado. A brilhante carreira profissional aliada a paixão fazem com que ele perceba-se cada vez mais como um norte-americano, no entanto, sua crise identitária vem a tona a partir dos ataques terroristas as Torres Gêmeas no dia 11 de setembro de 2001. Desde esse episódio, inicia-se na história do livro um enfraquecimento da imagem positiva dos Estados Unidos para o personagem principal.

Ao debruçar-me de forma mais densa sobre as páginas dessa obra e observar a linguagem utilizada verifiquei que algumas representações do Oriente são recorrentes. Para analisar tais representações dividi-as em categorias. No entanto, é preciso ressaltar que apesar de tê-las separado, entendo que estas não atuam de formas distintas mas, formam uma rede, um entrelaçamento que reforça uma à outra.

3.2 O ORIENTE MÉDIO COMO AMEAÇA:

Ao analisar certas passagens da obra de Hamid, identifiquei a representação do Oriente como um lugar que ameaça, intimida e sinaliza o perigo para aqueles, principalmente do Ocidente, que desconhecem a região. De forma ampla, posso

dizer que existe um processo de classificação entre aqueles que representam o “bem” e aqueles que representam o “mal”. De acordo com Bauman (1999, p.11): “classificar consiste nos atos de incluir e excluir. Cada ato nomeador divide o mundo em dois”. Assim, em uma divisão binária do tipo “nós/eles”, o “outro” (“eles”) está sempre presente. “Eles” representam aquilo que “nós” não somos. Assim, ainda de acordo com esse autor: “a anormalidade é o outro da norma, o desvio é o outro do cumprimento da lei, a doença é o outro da saúde.” (BAUMAN, 1999, p.22). Dessa forma, poderia inferir que o Oriente é o “outro” do Ocidente e que para afirmar o Ocidente faz-se necessária a presença do Oriente. Nessa relação entre o bem e o mal, ou entre amigos e inimigos é possível dizer que:

Os primeiros são os que o segundo não são e vice-versa. Isso, no entanto não é testemunho de sua igualdade. Como a maioria das outras oposições que ordenam simultaneamente o mundo em que vivemos e a nossa vida no mundo, esta é uma variação da oposição-chave entre interior e exterior. O exterior é negatividade para a positividade interior. O exterior é que o interior não é. Os inimigos são os que os amigos não são. Os inimigos são amigos falhados; eles são a selvageria que viola a domesticidade dos amigos (BAUMAN, 1999, p. 62)

O “outro” como inimigo que ameaça, que produz o medo fica evidente nas seguintes passagens do romance:

[...] foi sua *postura* que me permitiu identificá-lo, e nisso não vai nenhuma ofensa, pois vejo que seu rosto se crispou; trata-se de uma simples observação (HAMID, 2007,p.5) [grifo do autor]

O senhor parece preocupado. Não fique; esse sujeito corpulento é apenas nosso garçom, e não há necessidade de o senhor enfiar a mão no paletó, presumo que para apanhar sua carteira... (HAMID, 2007, p.9)

[...] eu disse ter a esperança de um dia ser ditador de uma república islâmica detentora de poder nuclear; os outros pareceram chocados, e *fui obrigado a explicar* que estava brincando. Só Érica sorriu; ela parecia compreender meu senso de humor (HAMID, 2007, p.30) [grifos meu]

Espero que não se importe que eu o diga, mas a frequência e a deliberação com que o senhor olha ao redor – como se houvesse um *tique-taque* sistemático pulsando em sua cabeça, ao deslocar os olhos de um ponto para o outro – faz lembrar o comportamento de um animal que se arriscou a se afastar demais da toca e agora, num território pouco conhecido, não sabe ao certo se é predador ou presa !(HAMID,2007, p.33) [grifos meu]

Mas porque o senhor está se encolhendo? Ah, sim, esse mendigo é um sujeito de uma infelicidade incrível. [...] Ele está se aproximando porque o senhor é estrangeiro. Quer dar-lhe alguma coisa? (HAMID, 2007, p.41)

Que azar! Apagaram-se as luzes! Mas, por que o senhor se pôs de pé de um salto? Não fique assustado; como já mencionei, as oscilações e os blecautes são comuns no Paquistão. O senhor está realmente tendo uma reação exagerada, ainda nem tá tão escuro assim. [...] (HAMID, 2007, p.59)

Observo que continua a haver algo em nosso garçom que deixa o senhor inquieto. Admito que ele é um tipo intimidante, maior até do que o senhor. Mas é simples explicar a dureza desse rosto curtido: ele vem do noroeste montanhoso, onde a vida está longe de ser fácil. (HAMID, 2007,p.103)

Que foi que o assustou tanto? Terá sido aquele som ao longe? Garanto que não foi um tiro de pistola [...] (HAMID, 2007, p.164)

Nesses excertos fica evidenciado o temor do norte-americano por estar em um território que “ameaça” sua segurança. A postura de medo está presente no “rosto que se crispa” e no “pôr-se de pé de salto”. Além disso, a constante preocupação com a presença de estranhos ou o olhar “espiado” reforça a ideia de insegurança presente nesse lugar. Como afirma Said (2007): “o Orientalismo carrega dentro de si o carimbo de uma atitude européia problemática para com o Islã” (Ibidem, 2007, p.115). Estenderia também essa atitude aos norte-americanos. Além disso, é possível constatar a necessidade de um muçulmano “ter a obrigação” de afirmar que suas revoltas com o mundo não passam de brincadeiras. No entanto, o medo não se dá somente pela presença de pessoas que circundam o local. A ameaça encontra-se também no alimento servido:

Ah, nosso chá chegou! Não fique tão desconfiado. Eu lhe garanto senhor, que não lhe acontecerá nada de desagradável, nem mesmo um embrulho no estômago. Afinal, não é como se o chá tivesse *envenenado*. Vamos, se isso o deixa mais à vontade, permita-me trocar minha xícara pela sua. (HAMID, 2007, p.14) [grifo do autor]

Para sua segurança, eu lhe sugeriria evitar este iogurte e aqueles legumes picados. Como? Não, não me refiro a nada de sinistro, é só que seu estômago talvez não se dê bem com alimentos crus, mais nada. Se o senhor insiste, chegarei até a provar pessoalmente cada um desses pratos, para lhe reassegurar que não há nada a temer. (HAMID, 2007, p. 115)

Essas representações para o Oriente, compõe uma rede que segundo Said(1995):“prosseguem caudalosamente nos filmes e programas de televisão, mostrando os árabes como ‘cameleiros’ frouxos, terroristas e xeques obscenamente ricos” (Ibidem, 1995, p. 71). Mas como se dá a identificação do sujeito que ameaça? Percebi, por meio da obra, que essa encontra-se relacionada a um aspecto físico dos personagens. No caso da obra em estudo possuir barba atrai “um olhar desconfiado”:

com licença, senhor, posso ajudá-lo em alguma coisa? Ah!, vejo que o assustei. *Não se assuste* com minha barba: tenho grande amor pelos Estados Unidos. (HAMID, 2007, p.5) [Grifo meu]

Aquele próprio barbudo – que ainda continua a atrair o seu olhar *desconfiado*, de tempo em tempos [...] (HAMID, 2007, p.27) [Grifo meu]

Talvez esteja interpretando mal o significado de minha barba, que, de qualquer modo, devo deixar claro que eu ainda não a usava quando cheguei a Nova York. (HAMID, 2007, p. 53)

Minha entrada [no avião] despertou olhares apreensivos em muitos outros passageiros. Voei para Nova York sentindo-me constrangido com meu próprio rosto, sabia que estava sob suspeita; sentia-me culpado e, assim,

procurei mostrar a maior descontração possível, o que me levou, naturalmente, a que ficasse rígido e constrangido. (HAMID, 2007, p.72)

Ou será que o senhor está observando aquele homem, o de barba muito mais comprida que a minha, que parou ao lado delas? Está achando que ele vai *repreendê-las* pela impropriedade de suas roupas – as camisetas e as calças jeans? (HAMID, 2007,p.24) [Grifo do autor]

Assim, a presença da barba implica em uma necessidade de afirmar “amor pelos Estados Unidos” ou para evitar o constrangimento “com o próprio rosto”, deve-se retirar essa marca corporal para entrar em terras estrangeiras. Segundo Said (2007):

A teia de racismo, estereótipos culturais, imperialismo político, ideologia desumanizadora que reprime os árabes ou os muçulmanos é realmente muito forte, e essa teia é o que todo palestino vem a sentir como seu destino singularmente primitivo (SAID, 2007, p.59).

Bauman a esse respeito afirma que:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda a parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa se “sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranho), pode ser uma experiência desconfortante, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder [...] (BAUMAN, 2005, p.19)

Ignorar essa marca corporal, acaba por transformar esses sujeitos, muitas vezes em algo exótico¹⁵. Interessante observar que ao buscar o conceito de exótico no dicionário encontrei uma associação direta com o vocabulário estrangeiro. Assim, em alguns excertos é possível perceber a relação entre o Oriental e o exótico:

¹⁵ De acordo com o Dicionário Aurélio o verbete exótico apresenta tais significados: [do grego *exotikós*, pelo latim *exoticu*]. Adj. 1. Que não é indígena; estrangeiro. [Opõe-se a autóctone]. 2. Esquisito, excêntrico, esdrúxulo, extravagante. 3. Figura . Fam. Malfeito; Desajeitado.

Eu era amigo de um dos rapazes do Ivy, o Chuck, desde meus tempos no time de futebol, e era benquisto como um colega *exótico* por alguns dos outros, a quem havia conhecido através dele. (HAMID, 2007,p.20) [Grifos meu].

[...] ela sorriu ao apertar minha mão – quer por me achar irresistivelmente refinado, quer *estranhamente anacrônico*, não sei ... (HAMID, 2007,p.20) [Grifos meu]

Construir o Oriente como um lugar perigoso formado por sujeitos excêntricos tem como efeito apresentar o Ocidente como seu oposto. Assim, concordo com Said quando afirma: “o Oriente não é um fato inerte da natureza o Oriente foi criado ou, como eu chamo, orientalizado[...] é um discurso que cria seu próprio objeto no desenrolar desse mesmo discurso” (Said apud Hardt; Negri, 2003, p.142). Dessa forma, o Oriente passa a ser concebido por meio da criação de um discurso que contempla representações sobre o próprio Oriente. Na próxima seção passo a examinar como o Ocidente vai sendo construído, ao longo da obra, como um lugar de oposição ao perigo e ao excêntrico.

3.3 O OCIDENTE COMO UM LUGAR DE POSSIBILIDADES

Ao analisar algumas passagens da história, verifiquei que o Ocidente, especificamente, os Estados Unidos era posicionado como um local onde estavam presentes os “feitos da civilização mais avançada”:

Mas o que é isso? Ah, o seu telefone celular! *Eu nunca tinha visto nada parecido*; desconfio que seja um daqueles modelos capazes de se comunicar via satélite quando não há cobertura em terra. (HAMID, 2007, p. 31) [Grifos meu]

Aquele, como me dei conta, era um mundo inteiramente diferente do Paquistão; o que sustentava meus pés eram os feitos da *civilização tecnologicamente mais avançada* que nossa espécie já havia conhecido. (HAMID, 2007, p. 35) [Grifos meu]

Eu sempre havia pensado nos Estados Unidos como uma nação que olhava para a frente. (HAMID, 2007,p.108)

Perceber os Estados Unidos como uma potência tecnológica, “como uma nação que olhava para frente”, faz parte do que Stuart Hall (2003) chama de forças dominantes de homogeneização cultural. Assim, “[...] por causa de sua ascendência no mercado cultural e de seu domínio do capital, mais especificamente, a cultura americana, ameaça subjugar todas as que aparecem” (Ibidem, 2003, p.45). Nessa mesma perspectiva, Said (1995) afirma que: “as imagens da autoridade imperial Ocidental permanecem – persistentes, atraentes, instigantes” (Ibidem, 1995, p.154). O efeito dessa compreensão acaba por eliminar qualquer outra sociedade de participar nos avanços da ciência e da tecnologia e faz com que outras culturas sintam-se “envergonhadas” de serem hierarquicamente “inferiores”. A vergonha aparece no seguinte excerto:

Agora, nossas cidades eram quase todas não planejadas e insalubres, enquanto os Estados Unidos tinham universidades com verbas individuais superiores a nosso orçamento nacional da educação. Ser lembrado dessa imensa disparidade, para mim, era envergonhar-me (HAMID, 2007, p.35-36).

Ter vergonha do lugar de origem, no caso da história, a cidade de Lahore, implica em ressaltar o lado atraente e positivo dos Estados Unidos:

Pensa na beleza expressiva do edifício Empire State, iluminado de verde no dia de São Patrício, ou de azul-claro na noite da morte de Frank Sinatra. Com certeza, Nova York à noite deve ser uma das paisagens mais sensacionais do mundo. (HAMID, 2007, p. 48)

Sendo considerada uma potência, que possui “uma das paisagens mais sensacionais do mundo”, fica óbvio que as oportunidades de um bom emprego estarão presentes somente nesse território. O orgulho do personagem ao participar de uma elite que compõe grandes empresas norte-americanas fica comprovado na seguinte passagem:

Naquele dia, não pensei em mim mesmo como um paquistanês, mas como um estagiário da Underwood Samson, e os escritórios portentosos de minha empresa me deixaram *orgulhosos*. (HAMID, 2007, p.36) [grifos do autor]

Ter um bom emprego possibilita ao personagem desfrutar dos prazeres de uma vida alicerçada em princípios capitalista. A narrativa a seguir demonstra tais prazeres:

Tínhamos voado na primeira classe, e jamais me esquecerei da sensação de ficar reclinado em meu assento, de terno, enquanto uma comissária de bordo atraente, jogando muito charme – sim, fui atrevido a ponto de me permitir acreditar que ela flertava comigo – me servia champagne. Eu estava me achando um verdadeiro James Bond [...] (HAMID, 2007, p.78)

O que eu não daria por um pote de camarões norte-americanos, empanados e fritos até adquirirem uma deliciosa cor dourada, e servidos com um pacotinho de molho de tomates. (HAMID, 2007, p.81)

O deslumbramento pelo estilo de vida experimentado, acaba, muitas vezes fazendo com que o protagonista tenha o desejo de tornar-se um norte-americano. No entanto, nem mesmo a ascensão profissional lhe garantirá sucesso nessa empreitada. Segundo Said (1995): “mesmo que você leve a melhor, ele não vai lhe conceder essa superioridade de essência ou seu direito de dominá-lo, a pesar de

sua riqueza e poder evidentes”. (Ibidem, 1995, p. 51) Entretanto, é esse desejo de in (corporação) do “outro” que analiso na próxima seção de meu trabalho.

3.4 A IN (CORPORAÇÃO) DO “OUTRO”

Em algumas passagens do livro, é pontuada a necessidade e o desejo do estrangeiro em alterar seus modos de ser e estar no mundo. Dessa maneira, são modificados os estilos de vestimenta, a linguagem utilizada e as ações esperadas pelo personagem. Entendi que tais alterações fazem parte de uma estratégia de sobrevivência no lugar “estranho”.

Talvez tenha sido por isso que, em Manila, fiz uma coisa que nunca fizera antes: tentei agir e falar mais, tanto quanto minha dignidade o permitia, como norte americano. Os filipinos com quem trabalhamos pareciam olhar com admiração para meus colegas norte-americanos, aceitando-os quase instintivamente como integrantes da classe superior do empresariado global – e eu também queria minha quota desse respeito. (HAMID, 2007, p.63)

Eu era o único não norte-americano do grupo, mas desconfieei que minha paquistanidade era invisível, disfarçada por meu terno, minha verba para despesas e, acima de tudo, meus companheiros. (HAMID, 2007, p. 69)

Lembro-me da americanidade de meu próprio olhar, quando regresssei a Lahore naquele inverno em que a guerra se anunciava num futuro próximo. Primeiro, fiquei impressionado com a aparência decrépita de nossa casa, com rachaduras que cruzavam os tetos e bolhas secas de tinta descascando, nos pontos em que a umidade se infiltrara nas paredes. [...] Encontrar a casa naquelas condições- não, mais do que triste, fiquei envergonhado. Era *dali* que eu vinha, aquela era minha origem, e ela cheirava a penúria. (HAMID, 2007, p.117) [Grifo do autor]

Perceber seu lugar, sua terra natal, com a “americanidade” no olhar, remete o personagem à um sentimento de “vergonha”. Identificar rachaduras nos teto, umidade nas paredes e sentir o odor de penúria, foi construído a partir das vivências experimentadas por Changez nos Estados Unidos e pela construção desse olhar americanizado. De acordo com Bauman (2005): “você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e de sua contemplação quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma forma”. (Ibidem, 2005, p.23) É a partir da in (corporação) do “outro” que Changez passa a olhar o mundo:

Eu é que havia mudado; olhava ao redor com olhos de estrangeiro, e não de um estrangeiro qualquer, mas daquele tipo específico de norte-americano altivo e antipático que tanto me irritava, quando eu o encontrava nas salas de aula e nos locais de trabalho da elite do seu país. (HAMID, 2007,p.118)

Passei a noite pensando no homem em quem eu me havia transformado. Realmente não podia haver dúvida: eu era um janízaro moderno, um escravo do império norte-americano [...] (HAMID, 2007, p.142)

Entretanto, a in (corporação) nunca será completa. Sua transformação nunca se dará por inteira, seu pertencimento nunca se efetivará de uma vez por todas. As marcas de sua cultura estão presentes nas seguintes passagens da narrativa:

É *desse jeito*, de um modo que admiro ser prolixo, que penso em Princeton, quando olho para trás. Princeton possibilitou tudo para mim. Mas não me fez, não *poderia* fazer-me esquecer coisas como o quanto gosto do chá desta minha cidade natal, posto em infusão por tempo suficiente para adquirir essa rica tonalidade escura, e tornado cremoso com leite integral fresco. (HAMID, 2007,p.17) [grifos do autor]

[...] nós paquistaneses, tendemos a sentir um orgulho exagerado de nossa comida. [...] Para nós, nada de receitas vegetarianas encontradas a leste da fronteira, nem das carnes desinfetadas,

esterilizadas e industrializadas que são comuns na sua terra. (HAMID, 2007, p.96)

[...] eu já havia passado quatro anos nos Estados Unidos – e tinha experimentado todas as intimidades que os estudantes universitários *comumente* experimentam - , *mas mesmo assim, continuava agudamente cômico da pele feminina à mostra.* (HAMID, 2007, p. 28)
[grifos meus]

[...] essa foi uma das razões por que a mudança para Nova York, para mim –muito inesperadamente – foi como uma volta para casa. Mas também houve outras razões: o fato de haver motoristas de táxi que falavam urdu; a presença, a apenas dois quarteirões de meu apartamento no East Village, de um estabelecimento chamado Delicatessen Pak-Punjab, que servia samosa e channa; a coincidência de atravessar a Quinta Avenida durante um desfile e ouvir, nos altofalantes montados no carro alegórico da Associação de Gays e Lésbicas do sul da Ásia, uma música que eu havia dançado no casamento de meu primo. (HAMID, 2007, p. 34)

Desse modo, estar em Princeton não o faz esquecer de sua preferência por chás, do orgulho da culinária paquistanesa, do desconforto com a nudez feminina e de sua escolha em residir próximo a motoristas de táxi que falavam urdu. Por mais tempo que resida em terras estrangeiras, ele nunca será considerado um nativo e, sim um estrangeiro:

Nesse momento, apareceu outro homem, que também me fuzilou com os olhos, mas segurou o amigo pelo braço e o puxou, dizendo que não valia a pena. Com relutância, o primeiro se deixou levar para longe. Árabe de merda, disse. (HAMID, 2007, p.111)

Por ser de uma raça suspeita, fui colocado em quarentena e submetido a uma inspeção adicional. (HAMID, 2007, p.146)

No entanto, as tensões entre a in (corporação) do “outro” e os laços culturais, tornam esse sujeito possuidor de uma identidade híbrida. Segundo as palavras do autor:

Essas viagens me convenceram de que nem sempre é possível restabelecemos nossas fronteiras, depois que um relacionamento as embota e as torna permeáveis: por mais que tentemos, não conseguimos reconstituir-nos como seres autônomos que antes imaginávamos ser. Algo de nós fica do lado de fora, e algo de fora passa a habitar dentro de nós. (HAMID, 2007, p.162)

Esse sentimento de duplo pertencimento também foi vivenciado por Said. Em seu livro *Cultura e Imperialismo* (1995), o autor relata que:

Por razões objetivas sobre as quais não tive controle, cresci com árabe com educação ocidental. Desde minhas mais remotas lembranças, sentia que pertencia aos dois mundos, sem ser totalmente de um ou de outro. [...] essas circunstâncias certamente me permitiram sentir como se pertencesse a mais de uma história e a mais de um grupo. (SAID, 1995, p.29)

Expor as formas e as lentes que filtram e traduzem o Oriente para o resto do mundo, integra:

Visões potencialmente revistas do passado que tendem para um futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretáveis e revivíveis, em que o nativo outrora silencioso fala e age em território tomado do colonizador como parte de um movimento geral de resistência (SAID, 1995, p. 269).

É nessa perspectiva que essa análise se inseriu. Pretendi demonstrar como certas representações do Oriente na literatura reforçam relações de poder e mantêm o imperialismo cultural dos Estados Unidos em relação ao Oriente.

É PRECISO CONCLUIR, MAS NÃO FINALIZAR...

O presente estudo teve como objetivo identificar as representações identitárias do Oriente Médio presentes na obra de Mohsin Hamid, ou seja, visei apontar como elas estão presentes na literatura estudada; identificar a linguagem utilizada na obra e as implicações na constituição das representações e dar visibilidade aos sentidos e significados do Oriente Médio disponibilizados na literatura estudada. Entendo que tais representações vão constituindo um modo específico de olhar para estas culturas.

A pesquisa foi de cunho qualitativo e para atingir tal objetivo tive como material de análise a seguinte obra: “O Fundamentalista Relutante” de Mohsin Hamid. Como referencial teórico, utilizei, entre outros, “Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente”; “Cultura e Imperialismo” e “A identidade cultural na pós-modernidade”.

Na composição desse trabalho consegui perceber que o Oriente ainda é entendido como um lugar a ser temido, ou até mesmo, a ser controlado por meio da pacificação, investigação e desenvolvimento, ou ocupação pura e simples sempre que tal seja possível. Esses estereótipos são, cada vez mais, reforçados no mundo contemporâneo. Considera-se que um vocabulário altamente generalizado e sistemático para descrever o Oriente de um ponto de vista Ocidental é inevitável e, inclusive, cientificamente objetivo. A esse respeito Said (2004) afirma: “o Oriente é um mundo essencialmente perdido ou esquecido.” (Ibidem, 2004, p. 11) Ainda nessa mesma temática, o autor revela que:

No Ocidente, as representações do mundo árabe desde a guerra de 1967 têm se mostrado toscas, reducionistas, grosseiramente racistas, conforme foi constatado e verificado por inúmeros críticos na Europa e nos Estados Unidos. Mesmo assim, prosseguem caudalosamente os filmes e programas de televisão mostrando os árabes como “cameleiros”, frouxos, terroristas e xeques obscenamente ricos. (SAID, 1995, p. 71).

Encerro esse trabalho, entendendo que existem complexas relações de poder, de dominação e de uma complexa hegemonia que tende a hierarquizar as relações entre o Ocidente e o Oriente. Foi por meio de leitura das obras de Said, principalmente, “Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente” que compreendi como essa relação entre os dois povos foram lentamente moldadas de maneira a permitir uma verdadeira colonização cultural e territorial do Oriente Médio. Sobre essa distinção, Said afirma:

Num lado, há ocidentais, e no outro, há árabes-orientais, os primeiros são (em nenhuma ordem particular) racionais, pacíficos, liberais, lógicos, capazes de manter valores reais, sem suspeita natural; os últimos não são nada disso. De que visão coletiva e ainda assim particularizada do Oriente provêm essas informações? (SAID, 2007. p.84)

O Orientalismo é uma distribuição de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos. É uma elaboração que se alicerça não só em uma distinção geográfica básica (Ocidente e Oriente), mas também em toda uma série de interesses que, por meio das descobertas eruditas e da análise psicológica e da descrição paisagística e sociológica se fundamenta. O Orientalismo não apenas cria como mantém certa vontade ou intenção de entender, controlar, manipular e até incorporar, aquilo que é entendido como um mundo diferente. Em outras palavras, o Orientalismo seria um estilo Ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. Segundo Said:

[...] os principais dogmas do Orientalismo existem hoje em sua forma mais pura nos estudos árabes e islã. Vamos recapitulá-los aqui: uma é a absoluta e sistemática diferença entre o Ocidente, que é racional, desenvolvido, humanitário e superior, e o Oriente, que é aberrante, subdesenvolvido e

inferior. Outro é que as abstrações sobre o Oriente, particularmente as que se baseiam em textos que representam uma civilização Oriental “clássica” são sempre preferíveis às evidências diretas extraídas das realidades orientais modernas. Um terceiro dogma é que o Oriente é eterno, uniforme e incapaz de definir a si mesmo [...] Outro dogma é que o Oriente, no fundo, é algo a ser temido (o Perigo Amarelo, as horas mongóis, os domínios pardos) ou a ser controlado. (SAID, 2007, p.305)

Além disso, Said, por meio da força de seu trabalho e da consistência intelectual que manteve aparece como um ícone da luta da resistência contra a dominação imperialista. A relação entre cultura e imperialismo, foi fundamental para o desenvolvimento de meu trabalho, assim como suas conseqüências para essa distinção geográfica entre Ocidentais e Orientais. O próprio autor acredita que as imagens que os ocidentais têm do Oriente são um reflexo do imperialismo e do racismo europeu. A esse respeito, ele afirma:

Durante todo o contato entre os europeus e seus “outros”, iniciado sistematicamente quinhentos anos atrás, a única ideia que quase não variou foi a de que existe um “nós” e um “eles”, cada qual muito bem definido, claro, intocavelmente auto-evidente. (SAID, 1995, p. 27)

Por meio do Orientalismo, foi criado um discurso legitimador para justificar a ação imperialista colonizadora européia e para se auto-afirmar como superior através da imagem do oposto, do “outro” como inferior. O Ocidente, de forma heróica, levava os Orientais atrasados à civilização e ao progresso. Conrad (precursor das concepções Ocidentais do Terceiro mundo e que em seus textos mostra o imperialismo como um sistema) afirma:

“Nós, ocidentais, decidiremos quem é um bom ou um mau nativo, porque todos os nativos possuem existência suficiente em virtude de nosso reconhecimento. Nós os criamos, nós os ensinamos a falar e a pensar, e quando se revoltam eles simplesmente confirmam nossas ideias a respeito deles, como crianças tolas, enganadas por alguns de seus senhores ocidentais (CONRAD apud SAID, 1995, p.19).

Tudo o que Conrad vê é um mundo totalmente dominado pelo Ocidente, onde toda a oposição ao Ocidente apenas confirmar o poder do mesmo. Sobre a visão de Conrad, Said comenta:

[...] as regiões distantes do mundo não possuem vida, história ou cultura dignas de menção, nenhuma independência ou identidades dignas de representação sem o Ocidente. E quando há algo para ser descrito, é, seguindo Conrad, indizivelmente corrupto, degenerado, irremediável (SAID, 1995, p.21).

Encerro esse trabalho de conclusão de curso entendendo que o povo Oriental, possui uma imagem concretizada pelos meios de comunicação. Suas representações surgiram em um passado distante, porém continuam atuando até os dias de hoje. Acredito que devemos problematizar tais representações e ter presente que os Orientais possuem uma cultura diferente e um tanto quanto diversificada. Minhas reflexões buscaram entender como a linguagem, muitas vezes sutil, acaba por constituir posições hierarquizadas que constrói o outro como exótico, perigoso. Aprendi, ao longo deste trabalho que a linguagem não é neutra e que essa constrói aquilo que pretende simplesmente descrever. Não se tratam de meras descrições, mas sim de constituições de sujeitos, de povos, de culturas,

Posso afirmar que, com esse trabalho, meu cotidiano foi completamente alterado, pois meus espaços familiares e de lazer foram completamente absorvidos pela investigação que me propus a fazer. A sala de estar esteve repleta de livros, textos e papéis com anotações. Meus pensamentos estiveram continuamente direcionados para a pesquisa. Muitas foram as ocasiões em que, ao sair de casa com a família e os amigos, levava comigo papel e caneta, pois tinha receio de ser surpreendida por alguma ideia ou que simplesmente uma palavra que melhor se adequasse ao texto que escrevia pudesse “fugir”.

As leituras exigidas, necessárias à minha investigação e articuladas ao meu olhar para a obra estudada adquiriram gradativamente sentido. Hoje, as idéias

contidas nos textos que estudo parecem operar de forma diferenciada em mim. As palavras de Larrosa (2000, p. 146): “enfiar-se na leitura é enfiar-se no texto, fazer com que o trabalho trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas [...]” já me soam diferente. Acredito saber e sentir o que elas querem dizer.

Finalizo aqui mais uma etapa em minha vida, porém acredito que essa possa continuar sendo desenvolvida em outros momentos de minha formação acadêmica. Acredito que pude, por meio das propostas de estudo e dos desafios feitos por meu orientador, desenvolver uma paixão pela pesquisa. Porém, sei que esse é um caminho longo que necessita muita dedicação. Mas, como uma “pesquisadora” iniciante posso afirmar que fui capturada pelo desejo de concluir mas não finalizar, pois esse trabalho me proporcionou um maior envolvimento com uma temática que me agrada, além de me apresentar diversificados autores que não me eram familiares, assim como suas teorias.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HAMID, Mohsin. *O Fundamentalista Relutante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- HOAUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAROSSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. São Paulo: Autêntica, 2000.
- Ó, Alarcon Agra do. *Edward Said: entre a crítica literária e a operação historiográfica*. **Saeculum – Revista de História**, João Pessoa, v.12, jan/jun.2005.
- PAULINO, Carla Viviane. *Thomas Ewbank: um viajante norte-americano no Rio de Janeiro imperial*. In: VIII Encontro Internacional da ANPHLAC Vitória, 2008, Vitória. **Anais**.
- RIBEIRO, Fábio de Oliveira. *Cultura e Imperialismo*. Revista Criação, São Paulo, 10 de nov. 2005. Disponível em: <<http://www.revistacriacao.net/cultura.htm>> Acesso em: 14 de out. 2010.
- RIBEIRO, Fábio de Oliveira. *Orientalismo*. Revista Criação, São Paulo, 08 de set. de 2007. Disponível em: <<http://www.revistacriacao.net/oriental.net>> Acesso em: 14 de out. de 2010.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SAID, Edward Wadie. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward Wadie. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAID, Edward Wadie. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward Wadie. *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Ligia Osório. *Edward Said e o imperialismo cultural*. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/nee/Edward%20Said%20e%20o%20imperialismo%20cultural.htm>> Acesso em: 11 de setembro de 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, Rogério Martins de Souza. *Cultura e Imperialismo*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: < [http://www.etni-cidade.net/cultura e imperialismo htm](http://www.etni-cidade.net/cultura_e_imperialismo.htm)> Acesso em: 20 de setembro de 2010.

SOVIK, Liv. Apresentação: para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.